



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS – CCHE  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

**ITALO BATISTA DE QUEIROZ**

**VOZES SOCIAIS NA PRODUÇÃO ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO  
MÉDIO: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DE ARTIGOS DE OPINIÃO**

**MONTEIRO – PB  
2016**

**ITALO BATISTA DE QUEIROZ**

**VOZES SOCIAIS NA PRODUÇÃO ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO  
MÉDIO: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DE ARTIGOS DE OPINIÃO**

Monografia apresentada em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, promovido pela Universidade Estadual da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Eduardo Vieira.

**MONTEIRO – PB  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

Q3v Queiroz, Italo Batista de.  
Vozes sociais na produção escrita de alunos do Ensino Médio [manuscrito] : uma análise dialógica de artigos de opinião / Italo Batista de Queiroz. - 2016.  
60 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em LETRAS PORTUGUÊS) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2016.  
"Orientação: Prof. Dr. Francisco Eduardo Vieira, Departamento de Letras".

1. Dialógica de linguagem. 2. Gêneros do discurso. 3. Gênero artigos de opinião. 4. Polifonia. 5. Mikhail Bakhtin. I. Título.  
21. ed. CDD 372.62

ITALO BATISTA DE QUEIROZ

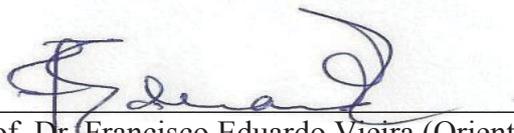
VOZES SOCIAIS NA PRODUÇÃO ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: UMA  
ANÁLISE DIALÓGICA DE ARTIGOS DE OPINIÃO

Monografia apresentada em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, promovido pela Universidade Estadual da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Eduardo Vieira.

Aprovada em: 27 de outubro de 2016.

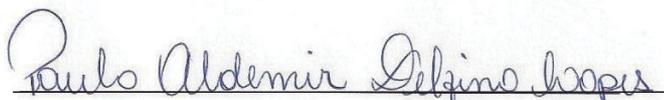
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Francisco Eduardo Vieira (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Diego José Alves Alexandre  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Paulo Aldemir Delfino Lopes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## AGRADECIMENTOS

A Deus, toda honra, glória e louvor! Ele tem sido o motivo de toda minha gratidão por mais esta conquista em minha trajetória de vida; sem o seu amparo e benevolência, não teria forças para trilhar essa longa jornada acadêmica até o fim. Em momentos de desânimo e de breves olhares para trás, na tentativa de recuar durante obstáculos que me sobrevieram, o Senhor Deus sempre se apresentava como uma brisa suave, acolhendo-me com o amor de um Pai que cuida de seu filho a todo custo. Atribuo, portanto, essa conquista prioritariamente a Deus, o Autor da minha vida.

Aos meus pais, **Elisabete Batista de Queiroz e Jânio Otaviano de Queiroz**, que sempre me conduziram em segurança e investiram cada tempo de suas vidas em me ensinar sobre o valor da família, dos princípios morais e éticos e da estima aos eventos mais simples que a vida nos propõe. A vida passa como um sopro; como uma erva que murcha e seca, assim é a transitoriedade do ser humano. Esse conceito de transitoriedade da vida me fez refletir que é preciso viver intensamente cada momento, como se o amanhã já não existisse. Tenho certeza de que, até o presente momento, desfrutei de experiências importantes e outras desafiadoras no convívio com meus pais e irmãos **Ivandro, Ígor e Ingrid**, que me fizeram cada vez mais humano.

À minha amada esposa, **Karla Patrícia M. S. de Queiroz**, com quem partilho minha vida; dedico a você este trabalho pelo seu amor, apoio moral, compreensão e empatia, que foram determinantes para o nosso relacionamento em tudo que vivenciei na vida acadêmica. Sua forma carinhosa e especial de me amar foram motivos suficientes para seguir em frente e conquistar esta etapa da minha vida, que está atrelada e é decisiva para a realização de outros sonhos que juntos temos planejado.

À comunidade cristã, pelos atos intercessores de oração a Deus em meu favor. A fé e o amor fraternal dos meus irmãos em Cristo me edificaram para cada passo que seguia na minha jornada de Fé.

Aos meus professores acadêmicos, Noelma e Edjane Assis, que deram início a este trabalho com orientações preciosas e incentivos pessoais que de sobremodo me fortaleceram.

A todos os professores do Curso de Letras da UEPB (Campus VI – Monteiro), que contribuíram para a minha formação; em especial ao professor Dr. Marcelo Medeiros, com cuja experiência de vida aprendi a ser mais dedicado e labutar com mais afinco pelos objetivos que escolhi conquistar.

Aos professores Paulo Ademir e Diego Alexandre, por terem aceitado generosamente o convite para fazer parte deste trabalho como examinadores. Os senhores serão eternizados junto a essa gentil pesquisa acadêmica nos registros bibliográficos de nosso Campus.

Ao professor Dr. **Francisco Eduardo Vieira**, por ter acolhido prontamente as ideias embrionárias deste trabalho, que hoje é gerado como fruto de toda a sua orientação acadêmica e apoio intelectual. Seus conselhos e direcionamentos motivacionais foram cruciais para minha formação não somente acadêmica, mas sobretudo pessoal. Agradeço a Deus por ter o privilégio de ser orientado por sua senhoria, a quem tomo como exemplo de um educador sério, competente, comprometido com a educação e com os anseios do que esta produz na vida das pessoas, a transformação social.

Para criar inimigos não é necessário declarar guerra, basta dizer o que pensa. (Martin Luther King)

Dedico este trabalho aos meus queridos pais, Elisabete Batista de Queiroz e Jânio Otaviano de Queiroz; à minha amada esposa, Karla Patrícia M. S. Queiroz; e ao meu orientador, Francisco Eduardo Vieira, pela compreensão e apoio intelectual.

## RESUMO

A partir das principais noções que envolvem a concepção dialógica de linguagem do pensador soviético Mikhail Bakhtin (1988), tais como discurso, gêneros do discurso, vozes e polifonia, bem como dos conceitos teóricos sobre o dialogismo, este trabalho pretende identificar quais e como diferentes vozes sociais se revelam nos discursos dos alunos na produção de artigos de opinião e em que medida os alunos apenas ecoam discursos já-ditos pelo senso comum, repetindo-os sem defesa de um ponto de vista próprio, ou se os desenvolvem de forma autoral. As análises dos dados foram divididas em duas categorias: Ecos/reprodução de discursos do senso comum e pontos de vista que fogem ao senso comum (à previsibilidade). Por meio das análises, pudemos perceber que os discursos identificados nas produções dos alunos estão constituídos, em sua maioria, a partir de pontos de vista demarcados pelo senso comum, o que remete à permanência de vozes sociais que circulam cotidianamente na sociedade, sendo reflexos de discursos ideológicos de grupos sociais. Assim, os pontos de vista dos alunos não se colocam no discurso de forma autoral, consciente e original, mas na forma de ecos de discursos adotados por grupos sociais distintos.

**Palavras-chave:** Dialogismo. Discurso. Polifonia. Ideologia.

## **ABSTRACT**

From the main concepts involving the dialogical conception of language of Soviet thinker Mikhail Bakhtin (1988), such as speech, speech genres, voices and polyphony, as well as the theoretical concepts of dialogism, this paper aims to identify which and how different social voices reveal the discourse of the students in the production of opinion articles and to what extent the students have only echo-said speeches, repeating them without defense of its own point of view or if they develop an authorial manner. The analyzes of the data were divided into two categories: Echoes / playback discourse of common sense and views that are beyond the common sense (predictability). Through analysis, we realized that the discourses identified in the productions of the students are made mostly from points of view marked by common sense, which refers to the permanence of social voices that circulate daily in society, and reflexive ideological discourses of social groups. So the students' views are not in the discourse of copyright, knowingly and original, but in the form of speeches echoes adopted by different social groups.

**Keywords:** Dialogism. Speech. Polyphony. Ideology.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
1.1.Contextualização da pesquisa.....	12
1.2.Organização da monografia.....	14
1.3.Problema de pesquisa.....	15
1.4.Objetivos gerais e específicos.....	15-16
1.5.Justificativa.....	16
1.6.Aspectos metodológicos.....	18
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA (O DIALOGISMO DE BAKHTIN)</b>	
2.1. Teoria e análise dialógica da linguagem.....	21
2.2. Gêneros discursivos: Uma perspectiva sociointeracionista .....	25
2.3. O funcionamento dialógico em artigos de opinião.....	27
2.4 A produção do gênero artigo de opinião: por uma metodologia interacionista.....	34
<b>3. ANÁLISE DIALÓGICA DOS ARTIGOS DE OPINIÃO</b>	
3.1. Análise das produções textuais.....	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>58</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>60</b>

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 Contextualização da pesquisa

Ao nos depararmos com as atividades de intervenção da disciplina Estágio IV, cursada no semestre letivo 2012.1, no Curso de Letras da UEPB (Campus VI – Monteiro), tivemos a oportunidade de aplicar e relacionar os conhecimentos teóricos aprendidos ao longo do curso à prática de ensino em um contexto real escolar, em uma escola pública de Ensino Fundamental e Médio, mais especificamente em uma sala do 3º ano do Ensino Médio.

Nesse estágio, pudemos identificar, durante uma sequência didática cujo objetivo era explorar o gênero artigo de opinião, enormes dificuldades dos alunos em argumentar e estabelecer os critérios estruturais propostos pelo gênero em questão. Tais dificuldades nos levaram a questionar o motivo pelo qual os alunos não conseguem desenvolver o seu ponto de vista com clareza e de forma articulada. Havia uma ausência de opinião consistente e autoral frente às questões polêmicas levantadas durante o estágio, centradas em torno da temática da violência urbana.

Foi a partir desse contexto que surgiu a motivação de analisarmos quais e como diferentes vozes sociais se revelam nos discursos dos alunos na produção de artigos de opinião. Essa problemática é o ponto de partida para desenvolvermos nossa pesquisa, com vista a desencadear possíveis respostas frente às questões levantadas. Em um primeiro momento, percebemos como os textos escritos pelos alunos estão constituídos a partir de pontos de vista demarcados pelo senso comum, o que remete à permanência de vozes sociais que circulam cotidianamente na sociedade, sendo reflexos de discursos ideológicos de grupos sociais. Torna-se relevante nossa análise ao considerarmos que tais pontos de vista não se colocam no discurso de forma consciente e original, mas na forma de ecos de discursos adotados por grupos sociais distintos. Por isso, nossa proposta é tornar explícitos tais discursos e aproximá-los de forma comparativa aos discursos que são próprios de determinados grupos sociais.

Para tanto, tomamos como base teórica as principais noções envolvendo a concepção dialógica de linguagem do pensador soviético Mikhail Bakhtin, tais como discurso, gêneros do discurso, vozes e polifonia. Observamos também conceitos teóricos sobre o dialogismo para saber em que medida os alunos apenas ecoam discursos já-ditos pelo senso comum, repetindo-os sem defesa de um ponto de vista próprio, ou se os desenvolvem de forma autoral,

se utilizando de ferramentas argumentativas e do formato e estrutura do gênero artigo de opinião, sabendo que estes são determinantes para a construção de seu ponto de vista.

Segundo o conceito de Bakhtin sobre o dialogismo, que será desenvolvido na seção destinada à fundamentação teórica deste trabalho, a interação do sujeito com o objeto se entrelaça em uma dialética que se reproduz a partir do enunciado em resposta, controvérsia, afirmação ou negação do enunciado do outro. O enunciado existe a partir do outro. Portanto, na comunicação, os enunciados são dialógicos, mesmo que sua dimensão seja em pequena escala. Os enunciados são perpassados sempre pela palavra do outro, a qual é sempre inevitável. Por fim, os discursos são relações de sentido estabelecidos entre dois enunciados. Para tanto, Bakhtin usa o termo “vozes sociais” para dar a entender que a reprodução do diálogo de um sujeito sempre ocorre, mesmo que de forma inconsciente, como uma retomada de discursos anteriormente pronunciados por uma determinada classe social. Por isso, Fiorin (2008, p. 19) diz que “todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam”.

Com base nos conceitos bakhtinianos envolvendo a teoria do dialogismo, em que toda palavra dialoga com outras palavras e são constituídas a partir de discursos já-ditos, ou seja, de “vozes sociais”, vozes estas que remetem a ideologias e conhecimentos de mundo representados por uma determinada classe social, nossa proposta de trabalho consiste em uma análise crítica das produções textuais dos alunos do ensino médio de uma escola pública, a fim de verificar como estes elaboram seus discursos a partir de seus conhecimentos de mundo, que inevitavelmente refletem discursos outros.

Nossa análise permitiu identificar que vozes sociais estão implicitamente constituídas nas produções de textos de cada aluno e como estes discursos são perpassados por outros discursos. Ao considerarmos que, segundo Bakhtin (1988, p. 88), “o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa”, torna-se imprescindível levar em conta um dos conceitos de dialogismo bakhtiniano: o dialogismo constitutivo – que se constitui a partir de outro enunciado, sendo assim uma réplica a outro enunciado –, se apresentando de forma implícita na interação verbal, o que aponta para quais representações ideológicas desta “mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto” (BAKHTIN, 1988, p. 88) os discursos desses alunos refletem. Segundo Fiorin (2008, p. 24), esta forma constitutiva, do primeiro conceito de dialogismo bakhtiniano, é o enunciado que se constitui sempre de forma heterogênea, “pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói”. Essas vozes, como sugere nossa pesquisa,

são passíveis de observação analítica, pois, “mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, estão aí presentes”.

Percebemos que os textos escritos estão carregados de conflitos entre as vozes sociais, de interações tensas de discursos ideológicos que se apresentam nos textos de forma inconsciente pelo aluno. Há evidências de pontos de vista não específicos que caracterizam determinados grupos sociais, com discursos do senso comum que circulam habitualmente na sociedade. Para Fiorin (2008, p. 25), “a sociedade é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes, então os enunciados são sempre o espaço de luta entre vozes sociais, o que significa que são inevitavelmente o lugar da contradição”. Sendo assim, nos preocupamos em identificar a presença de vozes sociais nos discursos dos alunos e os grupos sociais que, reproduzidos por eles nos textos, esses discursos ideológicos estão representando: discursos de caráter científico, religioso, filosófico, político, ético, moral etc. Além disso, analisamos se a ocorrência desses discursos acontece de forma inconsciente ou com pontos de vista próprios, autorais.

## **1.2 Organização da monografia**

Nosso trabalho está estruturado, em dois capítulos (um teórico e um analítico), além da introdução, das considerações finais, das referências e dos anexos. O primeiro capítulo, que remete aos aspectos teóricos, compõe a teoria dialógica do pensamento bakhtiniano para fundamentar nossa análise, que busca identificar quais e como diferentes vozes sociais se revelam nos discursos dos alunos na produção de artigos de opinião e em que medida os alunos apenas ecoam discursos já-ditos pelo senso comum, repetindo-os sem defesa de um ponto de vista próprio, ou se os desenvolvem de forma autoral.

Para tanto, discorreremos no primeiro capítulo, intitulado “O DIALOGISMO DE BAKHTIN”, sobre os itens que se apresentam: “Teoria e análise dialógica da linguagem”; “Gêneros discursivos: Uma perspectiva sociointeracionista”; “O funcionamento dialógico em artigos de opinião”; “A produção do gênero artigo de opinião: por uma metodologia interacionista”. O segundo capítulo trata das análises dialógicas de produções textuais dos alunos mencionados na introdução. Nossa proposta analítica pretende relacionar as teorias desenvolvidas no primeiro capítulo deste trabalho com os dados desta pesquisa. As análises dos dados foram divididas em duas categorias: Ecos/reprodução de discursos do senso comum e pontos de vista que fogem ao senso comum (à previsibilidade).

As considerações finais apresentam, sob um trabalho pressuposto fundado em uma hipótese interpretada, até que momento o ponto de vista do aluno se constituiu no texto. As conclusões se voltam para as poucas manifestações enunciativas que se constituíram nos discursos dos alunos; para a presença de vozes sociais que fogem ao senso comum; para o ponto de vista do aluno, que se constitui ideologicamente, em sua maioria, como ecos/reprodução de discursos já-ditos pelo senso comum. As referências bibliográficas estão situadas neste trabalho para maiores consultas e aprofundamentos do que está teoricamente exposto em nossa pesquisa científica. Nos anexos, as produções textuais se apresentam na íntegra e digitalizadas para consultas de citações feitas durante a análise.

### **1.3 Problema de pesquisa**

Nossa pesquisa se configura a partir de uma problemática relacionada à produção textual descrita na introdução desta monografia. A problemática nos permite traçar estratégias de pesquisa para identificar quais e de que maneira diferentes vozes sociais, que reverberam a ideologia de grupos sociais distintos, se revelam no discurso do aluno na produção de artigos de opinião.

### **1.4 Objetivos**

#### **1.4.1 Geral**

Nosso objetivo principal é identificar quais e como diferentes vozes sociais se apresentam no discurso do aluno na produção de artigos de opinião, analisando se o seu ponto de vista construído no texto se dá de forma autoral ou se este reproduz/eco discursos já-ditos pelo senso comum. Para tanto, delimitaremos essa proposta de análise nos seguintes objetivos específicos:

#### **1.4.2 Específicos**

- a) Verificar a linguagem utilizada e seus efeitos de sentido nos argumentos construídos pelos alunos.

- b) Observar a presença de diferentes ideologias que se manifestam nos discursos concretizados por meio dos artigos de opinião, para analisar que grupos sociais esses discursos estão representando: esferas de caráter científico, religioso, filosófico, político, ético, moral etc.
- c) Tornar explícitos os discursos produzidos pelo aluno e aproximá-los, de forma comparativa, a discursos que são próprios de determinados grupos sociais.
- d) Examinar se existem indícios de autoria nos discursos identificados.

### **1.5 Justificativa**

As vozes sociais se constituem a partir da retomada de discursos anteriores. Estes se estabelecem como uma relação de sentidos entre dois enunciados. Os enunciados, por sua vez, são perpassados sempre pela palavra do outro, a qual é sempre inevitável. Toda palavra dialoga com outras palavras que são constituídas a partir de discursos já-ditos, ou seja, de “vozes sociais”, vozes estas que remetem a ideologias e conhecimentos de mundo representados por grupos sociais distintos. Estas vozes se mostram presentes no fio do enunciado como réplicas de discursos tomados pelo autor no texto. Esta interação do sujeito com o objeto se entrelaça em uma dialética que se reproduz a partir do enunciado em resposta, controvérsia, afirmação ou negação do enunciado do outro. As vozes sociais se apresentam no discurso do autor, mesmo que de forma inconsciente, como eco de discursos já-ditos pelo senso comum, bem como de forma consciente e autoral, posto que o autor se utiliza desses discursos ideologicamente representados por grupos sociais distintos para confrontá-los, confirmá-los, conformá-los, negá-los.

Esses conceitos acima, abordados de forma sintética, estão ancorados nas principais noções envolvendo a concepção dialógica de linguagem de Bakhtin. É a partir destas noções, que serão mais bem exploradas na fundamentação teórica, que nossa pesquisa toma forma, para identificar, a partir de vozes sociais presentes no discurso do aluno na produção de textos em artigos de opinião, que grupos sociais esses discursos ideológicos estão representando: esferas de caráter científico, religioso, filosófico, político, ético, moral etc.

A partir desta identificação, nossa análise terá relevância para uma contribuição significativa no ensino escolar, conquanto pretenderemos desencadear possíveis soluções que visem minimizar as dificuldades de produção textual, especificamente com o gênero artigo de opinião, por parte dos alunos do Ensino Médio em escolas públicas, os quais vivem o medo

da experiência frustrante de escrever. Experiência esta que pudemos constatar durante as atividades de intervenção de Estágio IV, como supracitado mais detalhadamente na Introdução desta pesquisa.

Para tanto, nossa proposta é sugerir a exploração dos principais conceitos envolvendo gêneros discursivos pelo professor em sala de aula, no anseio de contribuir para o desenvolvimento das competências linguísticas do aluno. Uma vez o aluno tendo certo domínio desses conceitos, a construção de seu ponto de vista será favorecida no texto, especificamente em artigos de opinião, de forma consciente e autoral, pois supomos que saberá identificar como as vozes sociais estão implicitamente constituídas na produção textual e que estas vozes são discursos ideológicos demarcados por grupos sociais distintos que dialogam em conflito com o discurso constituído pelo autor no texto.

A competência linguística do aluno para a produção textual, especificamente com o artigo de opinião, pode ser desenvolvida se a condição de produção previamente formulada pelo professor em sala de aula atende às dificuldades existentes dentro da realidade de cada aluno, tais como geralmente se apresentam: falta de domínio dos critérios estruturais propostos pelo gênero artigo de opinião; problemas na elaboração do ponto de vista sobre o tema; inadequação no uso dos operadores argumentativos no texto; etc.

O ponto de vista autoral do aluno, que é requisito prioritário no gênero artigo de opinião, pode ser trabalhado a partir dos conceitos principais dos gêneros do discurso, uma vez que estes conceitos propõem ao aluno o conhecimento de discursos alheios que interpelam e se contrapõem ao discurso do aluno. Sendo assim, o aluno conseguirá desenvolver o seu ponto de vista próprio, autoral (que refuta e confronta vozes que se apresentam como ideologias do senso comum), não apenas refletindo discursos já-ditos por determinados grupos sociais distintos.

O aluno poderá aguçar o seu senso crítico e conhecimentos de mundo previamente constituídos como um ser social para se posicionar criticamente no texto na medida em que a percepção de discursos alheios presentes no texto junto ao processo de produção forem devidamente trabalhados pelo professor durante o ensino do gênero artigo de opinião em sala de aula.

O aluno entenderá que o enunciado existe a partir de outro, que dialogam entre si. Entretanto, este não se limitará em apenas reproduzir discursos de grupos sociais distintos – em que se caracteriza como ecos de discursos já-ditos pelo senso comum –, repetindo-os sem defesa de um ponto de vista próprio. Todavia, nessa percepção do conceito de dialogismo junto ao processo de produção de texto, o aluno irá se utilizar de ferramentas argumentativas e

do formato e estrutura do gênero artigo de opinião, sabendo que estes são determinantes para a construção de seu ponto de vista próprio. Sendo assim, o aluno poderá aguçar o seu senso crítico e seus conhecimentos de mundo previamente constituídos como um ser social para se posicionar criticamente no texto, não apenas reproduzindo essas vozes sociais como ecos de discursos já-ditos por determinados grupos distintos, mas construindo o seu ponto de vista de modo autoral.

### **1.6 Aspectos metodológicos**

Nossa pesquisa pretendeu identificar quais e de que maneira diferentes vozes sociais se revelam no discurso do aluno na produção de artigos de opinião. Para tanto, os objetos desta pesquisa examinados, segundo a natureza dos dados, foram submetidos a uma análise de caráter qualitativo. Assim, avaliamos os artigos de opinião produzidos pelos alunos, já especificados de antemão, com fim de apontar a presença de vozes sociais em seus discursos e para quais grupos sociais, reproduzidos por eles no texto, esses discursos ideológicos estão representados: discursos de caráter científico, religioso, filosófico, político, ético, moral etc. Além disso, analisamos se a ocorrência desses discursos acontece de forma inconsciente ou com pontos de vista próprios, autorais.

Com base teórica nas principais noções do dialogismo bakhtiniano, nos detemos especificamente sobre discurso, gêneros do discurso, vozes e polifonia. Esses apanhados teóricos nos permitiram tornar explícitos os discursos dos alunos no texto e aproximá-los de forma comparativa aos discursos que são próprios de determinados grupos sociais. Ainda segundo a natureza dos dados, nossa pesquisa inevitavelmente concorreu também para aspectos de caráter quantitativo. Por meio destes, pudemos estimar em que proporção os discursos dos alunos explicitados no texto refletem discursos alheios; e em que medida os pontos de vista próprios (autorais) dos alunos permeiam as produções de texto do gênero artigo de opinião.

Quanto aos objetivos, o tipo de pesquisa explorado, por se relacionar diretamente com o propósito geral do nosso trabalho, é a pesquisa prática, ou pesquisa-ação. Por meio deste tipo de pesquisa, que se caracteriza por uma intervenção direta do pesquisador com a realidade social, é possível esclarecer e apontar resoluções para a problemática observada. Segundo XAVIER (2010, p. 47), o pesquisador “interage de forma intensa com os sujeitos pesquisados e com a realidade que o cerca” na intenção de constatar o problema e suas causas,

procurando agir para “solucioná-los de modo prático e conscientizar os sujeitos envolvidos sobre a melhor forma de evitar a ocorrência de tais problemas”. Quanto à forma de estudo, nosso trabalho se vale da pesquisa descritiva, pois nos reservamos aos métodos de análise e interpretação dos objetos em estudo sem que haja manipulação destes. Quanto ao método da observação, nossa pesquisa se classifica, num primeiro momento, como observação em campo, já que a coleta de dados se deu no local do evento pesquisado, como está detalhado na introdução deste trabalho. Cabe-nos, por fim, descrever a seguir a sequência didática aplicada em nosso estágio de intervenção.

A elaboração da sequência didática foi estruturada num tempo previsto para 12 aulas, destinadas a um público-alvo de 25 alunos do 3º ano do ensino médio, com faixa etária entre 15 e 18 anos. Os objetivos principais eram levantar uma problematização social para desencadear o senso crítico do aluno, verificar como o aluno se posiciona frente aos problemas sociais e desenvolver habilidades comunicativas na tentativa de capacitá-lo a produzir argumentos decisivos para questionar e refletir sobre tais problemas vividos em sua comunidade.

Além desses, formulamos alguns objetivos específicos para analisar os diversos discursos e pontos de vista que a sociedade assume quanto ao tema proposto por meio de artigos de opinião; observar como é feita a construção argumentativa, quais os efeitos que ela causa e se ela é capaz de atribuir mudanças significativas na sociedade; verificar como o aluno se posiciona frente aos problemas sociais; buscar meios de desenvolver o senso crítico do aluno na tentativa de desencadear competências comunicativas que o coloque como voz ativa frente aos problemas sociais; capacitá-lo a produzir argumentos decisivos para debater, questionar e intervir sobre tais problemas vividos em sua comunidade.

Trabalhamos a temática “Violência urbana”, por acreditar ser esta um dos problemas sociais mais presentes e polêmicos na sociedade brasileira. Isso nos conferiu um leque informativo de questões urbanas para serem aplicadas nas aulas sobre Artigo de Opinião. Para tanto, nos apropriamos dos recursos de *data show*; artigos de opinião; jornais e textos da internet, com base na temática proposta.

Elaboramos uma metodologia subdividida em quatro módulos: “situando a temática” (duas aulas); “apresentando o gênero Artigo de opinião” (duas aulas); “produzindo um artigo de opinião”; e “trabalhando a reescrita”.

Para o primeiro módulo, discutimos a temática com os alunos com vistas a identificar os seus conhecimentos prévios. Levamos um artigo de opinião e outros gêneros textuais com a mesma temática para trabalhar a leitura, buscando a ampliação dos conhecimentos de

mundo sobre os tipos de violência que envolvem a temática trabalhada. Fizemos algumas leituras coletivas e pedimos, ao final, que os alunos escrevessem num papel os argumentos que mais lhes agradaram, sendo estes úteis para fundamentar o ponto de vista de cada um na produção textual. Aplicamos, em seguida, uma dinâmica em grupo, na qual cada grupo desenvolveu suas ideias a partir de um roteiro apresentado: “como se dá esse tipo de violência”; “cite alguns exemplos”; “aponte suas consequências”; e “apresente possíveis meios de solucionar tais problemas”.

No segundo módulo, quanto aos objetivos, apresentamos as características do gênero e mostrar que estas diferem dos tipos textuais; trabalhamos os tipos de argumentos, de forma que eles percebessem as funções e os efeitos de sentido contidos no texto; retomamos as mesmas leituras, anteriormente discutidas, com a pretensão de fazer com que os alunos percebessem como as marcas linguísticas argumentativas se apresentam no texto e por que tais marcas linguísticas são utilizadas.

No terceiro módulo, apresentamos uma orientação de como se produzir um artigo de opinião, levando em conta os aspectos que envolvem este gênero: interlocutor, público-alvo, linguagem adequada ao gênero e ao perfil do público leitor, um título que despertasse o interesse e a curiosidade do leitor, etc. A produção foi realizada em duplas, momento este que os alunos tiveram que articular, sob anotações no caderno, os pontos de vista discutidos em sala de aula e as possíveis soluções para a temática proposta. Visando um interlocutor específico, simulamos um jornal de circulação escolar em que todos os alunos da escola deste estágio seriam o público-alvo.

No quarto e último módulo, estabelecemos critérios para a reescrita, sendo esta efetuada, em um primeiro momento, de forma coletiva e, num segundo momento, de forma individual ou em duplas. Tivemos que mudar a estratégia de apresentar em *slides* uma das produções textuais para que os alunos apontassem possíveis melhorias, desde a sua objetividade à organização estrutural do texto, para uma orientação individual em cada grupo. Isso foi feito por percebermos o andamento e desempenho dos alunos, pois estes não estavam familiarizados com o artigo de opinião, como também nunca obtiveram conhecimentos de como se estrutura e quais as características deste.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA (O DIALOGISMO DE BAKHTIN)

### 2.1 Teoria e análise dialógica da linguagem

A teoria e análise dialógica da linguagem nos permitem, de forma descritiva, sob a égide dos principais conceitos de Bakhtin sobre o discurso, desencadear a complexidade e o confronto existentes na multiplicidade de discursos e vozes que constituem o texto, analisando, assim, o papel da linguagem, do sujeito, das relações dialógicas. Silva (2015), define “Teoria/Análise dialógica da linguagem” como

o conjunto de estudos e pesquisas sobre linguagem e discurso, ancorados, principalmente, nos textos desses autores [Bakhtin (1997, 1998), Bakhtin/Volochínov (1992) e Volochínov/Bakhtin (1976, 1981)], e que se voltam para: a multiplicidade de discursos e vozes que constituem o texto e se modificam em função da circulação; as relações dialógicas; o papel da linguagem, do sujeito, da situação na construção do sentido; a concepção de texto como enunciado axiológico; entre outros temas. (SILVA, 2015, p. 33)

Esse tipo de análise estabelece uma relação para além de aspectos teóricos, sobretudo, se configura também sob os aspectos metodológicos; não tomando forma de análise estrutural ou textual, consiste em investigar o objeto considerando sempre os aspectos histórico-sociais. Nessa relação de teoria e análise dialógica da linguagem,

o objeto é teorizado ao mesmo tempo em que o dispositivo para análise é construído. Em outros termos, teoria e análise mantêm uma relação de mão dupla: a teoria fundamenta a análise, e a análise permite o analista voltar à teoria para repensar conceitos, preencher lacunas, operar deslocamentos. (SILVA, 2015, p. 33)

Ao considerar que “o diálogo acaba por ser o fundamento para se pensar várias questões sobre a natureza da linguagem e, conseqüentemente, da existência humana” (SILVA, 2015, p. 33), nosso arcabouço teórico pretende delimitar, dentre os conceitos gerais sobre a linguagem, os princípios dialógicos que envolvem a multiplicidade de discursos e vozes que constituem o texto, a partir das teorias que envolvem os conceitos principais do dialogismo bakhtiniano. São essas teorias que fundamentam nossa análise para explicar, por meio da identificação de vozes sociais presentes no texto do aluno, os aspectos sociais, a ideologia, a pluralidade da linguagem que permeiam o fio do discurso do aluno.

Estudar a linguagem sob a óptica bakhtiniana, de acordo com Silva (2015), é perpassar as estruturas linguísticas para ponderar o sentido de um discurso que ocorre em uma situação de enunciação única, excepcional. A linguagem, ao considerar sua função social, promove a interação do sujeito com o outro. Assim, o enunciado não se constitui apenas como materialidade verbal, pois é social e, deste modo, só é compreendido se atentar aos elementos constitutivos que o formam. Essa noção de linguagem como interação está relacionada com o dialogismo bakhtiniano, sendo este o modo de funcionamento real da linguagem. Nas relações dialógicas, os enunciados são dialógicos, pois a palavra é sempre perpassada pela palavra do outro, numa comunicação verbal que se dá de forma inacabada, podendo ser compreendida pelos elementos constitutivos que os envolve.

Desse modo, os participantes, seu espaço e tempo comuns, o propósito comunicativo, o conhecimento partilhado, a compreensão da situação e sua apreciação comum, diferentes semiologias não verbais, tudo isso entra em jogo na produção dos enunciados como componente indispensável ao seu sentido (SILVA, 2015, p. 35).

O termo “dialogismo” desenvolvido por Bakhtin se formula através de uma concepção de linguagem como interação. Para este autor, todo enunciado se constitui como uma resposta a um discurso já-dito, tanto numa situação imediata como num contexto mais amplo. Silva (2015, p. 35), ao abordar o conceito de linguagem como interação (que, segundo este autor, é o que fundamenta o interacionismo bakhtiniano), assegura que, na comunicação verbal concreta, a língua é viva e evolui historicamente, o que não ocorre no “sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes”. Destarte, a própria teoria bakhtiniana sobre a linguagem como interação é um discurso em resposta a uma das tradições do pensamento filosófico estruturalista que compreende a linguagem como homogeneidade, unidade, estabilidade, acabamento, monologismo.

Silva (2015), ao abordar o pensamento bakhtiniano, discorre que, embora Saussure compreenda a linguagem como fato social, este exclui a “relação entre língua, sociedade e usuário na explicação dos fatos linguísticos sincrônicos e na elaboração de sua teoria da linguagem” (SILVA, 2015, p. 35). Desta forma, dada uma tendência ao objetivismo abstrato acedida por Saussure, a linguagem se estabelece como um sistema linguístico abstrato das formas da língua, bem como no absolutismo (psiquismo) individual dos falantes. Isso torna o sistema linguístico demasiadamente imaterial, impossibilitado de verificação empírica da verdadeira natureza da linguagem, da sua dimensão dialógica e axiológica, “visto que todo

signo sempre evoca determinadas esferas de atividade humana, as quais, historicamente, o carrega de sentidos” (SILVA, 2015, p. 35). Para Silva (2015), o conceito bakhtiniano permite entender que a língua é viva e evolui historicamente na comunicação verbal concreta. Por este motivo, a linguagem deve ser estudada a partir do sentido de um discurso produzido numa situação de enunciação única (já que o enunciado, longe de ser uma abstração linguística, é social), abarcando muito além dos limites do quadro das estruturas linguísticas, para além da materialidade verbal.

Bakhtin desenvolve suas teorias, conforme Fiorin (2008), a partir da tradição do pensamento filosófico, que entende a linguagem como diversidade, heterogeneidade, inacabamento, vir a ser, dialogismo. Assim, Bakhtin trata das relações dialógicas do eu com o outro, sendo este último “uma posição social, expressa num texto” (FIORIN, 2008, p.15). Por conseguinte, essas relações não são o diálogo restrito entre sujeitos como forma composicional, mas relações entre posições sociais.

Bakhtin estabelece um ponto de partida, a filosofia dos princípios básicos do conhecimento humano, para apresentar uma dicotomia entre o mundo da teoria, ligado às generalizações, e o mundo da vida, que se remete à historicidade viva, ou seja, os sujeitos são únicos e realizam atos extraordinários que não se repetem. Esse pensamento busca separar esses dois mundos, afirmando serem incomunicáveis “porque a teoria é incapaz de apreender o ser e o evento únicos” (FIORIN, 2008, p. 16). Ao separar esses dois mundos, Bakhtin critica um pensamento que só se preocupa com o universo, com o sistema, e não com o ato particular, o singular; um pensamento que opõe objetivo e subjetivo, social e individual, universo e singular. Este autor entende que há a relação de uma unicidade do ser e do evento

a unicidade do ser humano existe na ação, no ato individual e responsável. Viver é agir e agir em relação ao que não é o eu, isto é, o outro. Eu e outro constituem dois universos de valores ativos, que são constitutivos de todos os nossos atos. As ações concretas realizam-se na contraposição de valores. (FIORINI, 2008, p. 17)

Logo, esse pensamento filosófico formulado por Bakhtin compõe um dos três eixos básicos da concepção dialógica da linguagem, sendo a relação eu/outro e a dimensão axiológica (que estabelece uma relação entre ideologia e linguagem como parte da natureza do discurso) os que complementam esse intento teórico.

Embora o dialogismo bakhtiniano seja orientado pela natureza de um discurso vivo (em que o discurso do sujeito enunciadador perpassa o discurso do outro, pois o enunciado é sempre atravessado pelo enunciado do outro e sem este o enunciadador não realiza seu

pensamento), mesmo que o discurso do destinatário, em resposta ao enunciador, seja um eco, uma retomada ao que já foi dito antes, sempre o enunciado será único, irrepitível por ser realizado em uma situação única em um contexto sócio-histórico excepcional e distinto.

Fiorin (2008, p. 19), ao introduzir o pensamento de Bakhtin em seus escritos, define o dialogismo como “as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados”. Descreve que o papel central da linguagem se atrela diretamente à realidade, pois esta se apresenta sempre linguisticamente. Assim,

Um objeto qualquer do mundo interior ou exterior mostra-se sempre perpassado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações dos outros; dá-se a conhecer para nós desacreditado, contestado, avaliado, exaltado, categorizado, iluminado pelo discurso alheio. Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos (FIORIN, 2008, p. 19)

Isso implica dizer que todo discurso está voltado não para a realidade em si, mas para os discursos que o cercam. Consecutivamente, toda palavra dialoga com outras palavras e se constitui de outras palavras. Assim, a concepção da unicidade do ser e do evento nos leva a uma distinção entre enunciados e unidades da língua. Os enunciados são dialógicos e representam as unidades reais de comunicação, sendo que as unidades da língua se referem apenas aos sons, às palavras e às orações. Desta forma, se compreende que estas são repetíveis, mas os enunciados são acontecimentos únicos com apreciação, entonação e acento próprios. Ainda sobre os enunciados e as unidades da língua, Fiorin (2008, p.21) delinea com precisão esta distinção

O que os diferencia é que o enunciado é a réplica de um diálogo, pois cada vez que se produz um enunciado o que se está fazendo é participar de um diálogo com outros discursos. O que delimita, pois, sua dimensão é a alternância dos falantes. Um enunciado está acabado quando permite uma resposta do outro. Portanto, o que é constitutivo do enunciado é que ele não existe fora das relações dialógicas. Nele estão sempre presentes ecos e lembranças de outros enunciados, com que ele conta, que ele refuta, confirma, completa, pressupõe e assim por diante. Um enunciado ocupa sempre uma posição numa esfera de comunicação sobre um dado problema.

Os enunciados existem nas relações dialógicas. Essas relações são descritas como vozes sociais num processo constitutivo do discurso. Para tanto, Bakhtin usa o termo “vozes sociais” para dar o entendimento de que a reprodução do diálogo de um sujeito sempre ocorre, mesmo que de forma inconsciente, como uma retomada de discursos anteriormente pronunciados por uma determinada classe social. Por isso, Fiorin (2008, p. 19) diz que “todo

discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam”.

Segundo Fiorin (2008, p. 24), esta forma constitutiva, do primeiro conceito de dialogismo bakhtiniano, é o enunciado que se constitui sempre de forma heterogênea, “pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói. Ele exhibe seu direito e seu avesso”. Portanto, essas vozes, mesmo que não estejam manifestadas no fio do discurso, estão constituídas dialogicamente entre si no funcionamento real da linguagem. Do mesmo modo, Cunha (2005, p. 169) discorre sobre esse primeiro conceito dialógico constitutivo, o que não se mostra no fio do discurso, para afirmar que há uma dinâmica da interação entre o discurso do outro e o contexto no qual ele aparece “para compreender as posições dos sujeitos, que podem ser aliados ideologicamente, adversários, portadores da verdade, de erro, etc.”.

## **2.2 Gêneros discursivos: Uma perspectiva sociointeracionista**

Os gêneros discursivos, como formula Machado (2005) sobre os estudos de Mikhail Bakhtin, tratam das relações interativas como processos produtivos da linguagem, em que esta só se materializa em gêneros. Eles estão inseridos não na classificação das espécies, mas no dialogismo do processo comunicativo. Gênero e discurso passam, como consequência, a ser focalizados como esferas de uso da linguagem verbal. O autor russo descreve os gêneros discursivos como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1979, p. 279). Neles, os interlocutores sociais reproduzem os mais diversos e heterogêneos usos de interações verbais por estarem diretamente relacionados à diversidade de esferas de circulação social e de atividades humanas.

Sendo assim, cada esfera reproduz seus gêneros, por meio de aspectos sociais distintos, com situações de interação e finalidades comunicativas específicas para os quais os enunciados são produzidos. Em outros termos, os gêneros podem ser modificados, pois não são estáveis. A cada novo contexto histórico-social surgem novos gêneros e outros caem em desuso, já que eles estão diretamente relacionados ao meio social, às condições de produção, às esferas de circulação social dos discursos (orais e escritos) e aos interlocutores sociais específicos.

Para Marcuschi (2008, p. 155), os gêneros discursivos são textos do cotidiano que “apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças

históricas, sociais, institucionais e técnicas”, o que está relacionado diretamente com a perspectiva sócio-histórica e dialógica da teoria bakhtiniana. Segundo Marcuschi (2008, p. 154), toda comunicação verbal se dá por meio de um gênero discursivo, o que centraliza a noção de gênero do discurso como aspecto sociointerativo da produção linguística. Ao dominar o falante um gênero textual, não é uma forma linguística que este falante domina e sim “uma forma de realizar linguisticamente objetos específicos em situações sociais particulares”. Em outros termos, os gêneros discursivos se caracterizam como formas textuais em situações comunicativas estáveis, constituídos numa relação histórica e social.

Logo, a perspectiva sociointeracionista apresentada por Marcuschi (2008, p. 155) descreve como sendo indissociáveis as atividades humanas e culturais ao funcionamento da língua, “à união do gênero ao seu envolvimento social”. Marcuschi (2008) apresenta o estudo dos gêneros discursivos como sendo um campo fértil da interdisciplinaridade, com apontamentos específicos para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais. Assim, os gêneros discursivos têm uma identidade e são concebidos com certas imposições restritivas de padronização na ação da escrita; por outro lado, são formas dinâmicas de escolhas, estilos, criatividade e variação na produção textual.

Os gêneros discursivos se constituem a partir de sua relação com as práticas sociais de uso da linguagem nos diversos domínios da atividade de comunicação humana. É nessa perspectiva que a interação acontece, através da linguagem, entre os sujeitos por meio de uma atividade discursiva, que se constitui de um “dito atual com o não-dito e com o já-dito, retomando e modificando em graus diversos” (CUNHA, 2005, p. 167), em um determinado contexto sócio-histórico, levando em conta a situação de produção entre os interlocutores.

Conforme Bakhtin (1981), são indissociáveis as relações existentes entre linguagem e sociedade. Para este autor, essas relações, que se apresentam nas mais diversas atividades humanas do processo comunicativo, são de caráter ideológico, dialogam entre si e produzem formas relativamente estáveis de enunciados. Ainda segundo Bakhtin (1981), os gêneros se caracterizam pela diversidade e dinamicidade, já que estão ligados às relações sociais e, portanto, sofrem incessantemente influência das transformações sociais, que se alteram e se estendem a cada novo contexto social e histórico de circulação. Essa heterogeneidade de gêneros faz com que estes sejam categorizados por Bakhtin em gêneros primários e secundários. Os primários, oriundos da troca verbal espontânea, cotidiana. Os secundários se apresentam mais complexos, dados a uma comunicação mais elaborada e formal, por dimensões específicas da comunicação.

Embora essas duas categorias se apresentem com certa diferenciação, são interdependentes, já que os primários são instrumentos de criação dos secundários. Assim, a continuidade e a ruptura dessas categorias podem variar conforme novas condições de produção, que se diferenciam e reformulam por um novo sistema em conformidade com a experiência do sistema que já se apresenta. Os gêneros discursivos são caracterizados por três dimensões: conteúdo temático, estilo e construção composicional. O primeiro são os objetos do discurso; o segundo à forma estruturada, padronizada; o terceiro refere-se à escolha subjetiva de vocabulário, estruturas frasais, preferências gramaticais. Destarte, Bakhtin (1997) salienta sobre a heterogeneidade dos gêneros do discurso por serem tão infintas quanto todas as esferas das atividades humanas, que estão sempre relacionadas com a utilização da língua.

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

Deste modo, no pensamento bakhtiniano, a heterogeneidade dos gêneros do discurso é determinada por fatores sócio-históricos, posto que os enunciados pressupõem um ato de comunicação intrinsecamente ligado às diversas atividades humanas. Os gêneros do discurso se constituem, portanto, através das relações dialógicas (cada ato enunciativo constitui-se a partir de outros enunciados) em caráter ideológico, num processo comunicativo, em que os enunciados dialogam entre si e elaboram tipos relativamente estáveis dos mais diversos gêneros que circulam na sociedade.

### **2.3 O funcionamento dialógico em artigos de opinião**

O gênero discursivo artigo de opinião é definido pelo uso da argumentatividade expositiva de uma posição ou ponto de vista do autor com o propósito de convencer o outro sobre um determinado assunto, geralmente polêmico, divergente e de cunho social. Para Garcia (2012), o artigo de opinião é entendido como

aquele que, por sua própria natureza e função, mais favorece a participação do aluno-autor na vida pública e na construção da cidadania. Trata-se de produzir textos com o olhar voltado a temas de interesse coletivo, que dizem respeito a todos, a problemas que demandam soluções mais ou menos consensuais, decisões a serem tomadas, rumos a serem seguidos, valores a serem examinados. Discussões, enfim, cujo encaminhamento pode, direta ou indiretamente, afetar a vida de toda uma população. (GARCIA, 2012, p. 100)

Entretanto, numa perspectiva dialógica, cuja teoria é formulada por Bakhtin, o processo interativo entre interlocutor e destinatário no ato de produção desse gênero, se constitui através de confrontos ideológicos, não se restringindo apenas a uma explicitação de um ponto de vista tão somente. Os diálogos são “constituídos de um dizer sobre o dizer, imediato ou recente” (CUNHA, 2005, p. 166), o que indica para a presença de outros discursos no fio do texto que dialogam entre si numa resposta a enunciados anteriores para confirmá-los, negá-los, refutá-los, completá-los, recriá-los.

Embora o artigo de opinião aparentemente possa se configurar como um gênero monofônico – dadas as condições de produção escolar em que o interlocutor se vale de um destinatário imediato como professor, aluno e o espaço escolar –, temos, nessa perspectiva do funcionamento dialógico em artigo de opinião, um estudo das vozes que, conforme CUNHA (2005, p. 166), “permite compreender o diálogo entre os diferentes discursos que constituem o texto e entre os sujeitos que se confrontam nesse espaço interlocutivo”. É através das características que compõem as formas marcadas e não marcadas de dialogismo que é possível tornar claro a posição e os pontos de vista do autor no discurso atual, a inclusão dos discursos citados e o grau de distância, bem como os lugares ocupados por eles (CUNHA, 2005).

Assim, por meio desta perspectiva enunciativa e dialógica, é possível não só caracterizar este gênero como sendo polifônico, como também, através deste, compreender o ponto de vista do interlocutor, constituído numa relação de conflito que se entrecruza com outros discursos nesse suporte

O artigo de opinião é constituído de outros discursos sobre os fatos comentados e de antecipações das objeções do leitor, para fazer aderir ao seu ponto de vista e para criticar os outros com os quais mantém uma relação de conflito. Tudo isso comprova que o texto é o lugar de circulação de discursos, mostrados ou não, e o sujeito não é a fonte do sentido, mas o constrói no trabalho incessante com o já-dito” (CUNHA, 2005, p. 179)

Assim, Bakhtin (1997), ao tratar das funções comunicativas da linguagem, considera a existência de uma forte relação entre locutor e destinatário. Essa comunicação verbal leva em consideração o destinatário como um sujeito ativo que participa desde o início de uma

iteração com o locutor, não se restringindo apenas em ser um receptor do locutor, limitando-se em compreendê-lo. Atentar para a função do destinatário como um receptor que apenas compreende a significação de um discurso no processo de comunicação verbal é atrelar parte de um todo real da comunicação e colocar o ouvinte como passivo:

a compreensão passiva das significações do discurso ouvido é apenas o elemento abstrato de um fato real que é o todo constituído pela *compreensão responsiva ativa* e que se materializa no ato real da resposta fônica subsequente (BAKHTIN, 1997, p. 290)

Bakhtin (1997), estabelece ao destinatário uma função ativa que o torna locutor, pois o ouvinte (destinatário) adota, no ato do discurso do locutor, uma atitude responsiva ativa, ou seja, ele dialoga com o discurso do locutor para concordar ou discordar, confirmar, confrontar etc. Deste modo, o destinatário “está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso” e o coloca como sujeito ativo numa “compreensão responsiva ativa do que foi ouvido” (BAKHTIN, 1997, p. 290-291). Ainda conforme Bakhtin (1997), a compreensão de um enunciado é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa, ou seja, de uma resposta dialogal no ato da comunicação verbal do destinatário em relação ao discurso elaborado pelo locutor (sujeito enunciador), já que a compreensão responsiva pode ser compreendida pela fase de iniciação e preparação para uma resposta.

O locutor postula esta compreensão responsiva ativa: o que ele espera, não é uma compreensão passiva que, por assim dizer, apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro, o que espera é uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, etc. (BAKHTIN, 1997, p. 291)

Deste modo, o sujeito destinatário torna-se o locutor para adotar uma atitude de resposta ativa, que pode ser imediata (compreensão responsiva ativa) ou permanecer sem resposta de início, que se classifica como uma compreensão responsiva muda ou de uma compreensão responsiva de ação retardada em que o ouvinte, cedo ou tarde, ecoará de modo ativo o discurso do que foi ouvido e compreendido.

Quanto aos aspectos do autor e da autoria, aplicados nesse trabalho ao contexto do sujeito dialógico na produção textual, Faraco (2010) afirma que é um tema de caráter filosófico e que está presente em quase todos os escritos de Bakhtin. Conforme Faraco (2010), o conceito de autor formulado pela teoria bakhtiniana se divide em autor-pessoa (que se restringe ao escritor em si) e autor-criador (voltado para a função estético-formal na produção da obra). O autor-criador tem o acabamento estético da obra por meio de um posicionamento

valorativo, pois ele atribui um aspecto axiológico que constitui um todo a partir da criação de um herói e seu mundo. Esse posicionamento axiológico do autor-criador se dá por meio de escolhas composicionais e de linguagem materializados no objeto estético, “um elemento imanente ao todo artístico” (FARACO, 2010, p. 37).

A ideia de autor-criador está relacionada com as teorizações estéticas, em que este assume um estilo peculiar que se caracteriza em função de um posicionamento axiológico, de uma posição autoral. Logo, “todo ato cultural se move numa atmosfera axiológica intensa de inter-determinações responsiva, isto é, em todo ato cultural assume-se uma posição valorativa frente a outras posições valorativas” (FARACO, 2010, p. 38). O autor-criador assume uma posição de autoria quando confrontado por uma realidade vivida e repleta de diferentes valorações sociais, assim, ele é quem dá forma ao conteúdo, pois não apenas descreve passivamente os eventos da vida, mas reorganiza e constrói ativamente novos sistemas de valores de forma estética por meio de certa posição axiológica confrontada com uma realidade vivida

O autor-criador é, assim, uma posição refratada e refratante. Refratada porque se trata de uma posição axiológica conforme recortada pelo viés valorativo do autor-pessoa; e refratante porque é a partir dela que se recorta e se reordena esteticamente os eventos da vida. (FARACO, 2010, p. 39).

O processo de referenciação se constitui no autor-criador pela posição que este assume de refletir (descrever) e, principalmente, refratar (assumir uma posição valorativa) o mundo, uma vez que a relação do nosso dizer com a realidade vivida perpassa a materialidade do mundo e penetra na camada de discursos sociais que retomam as coisas. Assim sendo,

com os signos podemos apontar para uma realidade que lhes é externa (para a materialidade do mundo), mas o fazemos sempre de modo refratado. E **refratar** significa, aqui, que com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – diversas interpretações (**refratações**) desse mundo. (FARACO, 2009, p. 50-51)

Refração é, portanto, na construção do sujeito autor, as significações configuradas para além dos signos em si, mas a partir da dinâmica da história; da diversidade de experiências concretas, múltiplas e heterogêneas dos grupos humanos, com suas contradições e confrontos axiológicos e interesses sociais, conforme alude Faraco (2009). É nessas “relações de aceitação e recusa, de convergência e divergência, de harmonia e de conflitos, de interseções e

hibridizações” que se constitui discursivamente o sujeito, incorporando vozes sociais ao tempo que assimila suas inter-relações dialógicas (FARACO, 2009, p. 84).

Faraco (2009, p. 70) apresenta o pensamento bakhtiniano, sobre as vozes sociais, para afirmar que, mesmo Bakhtin reconhecendo os jogos de poder, não constituem atrelamento entre vozes sociais e classes sociais. O que ocorre é uma luta social com disparidade entre as “verdades sociais”. Nesse processo dialógico, há um conflito tenso de dizer com outros dizeres (vozes sociais), pois nessa relação se estabelece uma interação intrinsecamente de caráter social com estruturas socioideológicas, de relações socioculturais situadas historicamente no interior das relações dialógicas que se refletem e se refratam num evento de troca entre enunciados. É, portanto, a significação entre os enunciados e seus efeitos de sentidos que se confrontam infindo e inesgotavelmente no discurso entre vozes sociais.

As relações de sentido se constituem entre enunciados num todo da interação verbal, não apenas no diálogo face a face, ficando este reduzido a trocas de enunciados esmos entre “dois seres isolados e autossuficientes, soltos no espaço e no tempo” (FARACO, 2009, p. 64).

Desta forma

Quaisquer enunciados, se postos lado a lado no plano de sentido, “acabam por estabelecer uma relação dialógica” (p. 117). Mesmo enunciados separados um do outro no tempo e no espaço e que nada sabem um do outro, se confrontados no plano do sentido, revelarão relações dialógicas (p. 124). E isso em qualquer ponto do vasto universo da criação ideológica, do intercâmbio sociocultural. (FARACO, 2009, p. 65)

Não há, também, relações dialógicas entre elementos estritamente linguísticos, nem entre unidades sintáticas. É necessário que qualquer material de um sistema linguístico “tenha entrado na esfera do discurso, tenha sido transformado num enunciado, tenha fixado a posição de um sujeito social” (FARACO, 2009, p. 66). Assim, temos a configuração de vozes sociais, que se estabelecem a partir das réplicas ao dito, do confronto de posições, da acolhida à palavra do outro para confirmá-la ou rejeitá-la, “buscar-lhe um sentido profundo, ampliá-la” (FARACO, 2009, p. 66). Quando duas vozes colidem dialogicamente, mesmo que no interior de apenas uma palavra, temos as relações dialógicas realizadas, assim como também é possível entre dialetos sociais, estilos de língua, entre outras formas que façam ir além da investigação linguística, que identifique suas posições semânticas.

A amplitude das relações dialógicas em vozes sociais perpassa posições de discussão, conflito ou polêmica. Para Faraco (2009, p. 68), O diálogo, “no uso corrente, tem também uma significação social marcadamente positiva”, que remete ao entendimento e consenso

dialógicos. Assim, é possível que existam várias outras situações de relações dialógicas, como a palavra de autoridade, de uma voz que se sobrepõe a outra voz, a combinação de muitas vozes que amplia a compreensão, a confiança na palavra do outro, o aprendizado, a busca pelo sentido profundo e sua natureza obrigatória, a concordância, e assim por diante. No pensamento do Círculo de Bakhtin, seus membros não direcionam essa significação para apenas uma direção das consonâncias, mas das multissônancias e dissonâncias das relações dialógicas, num contexto social dado, que “delas pode resultar tanto a convergência, o acordo, a adesão, o mútuo complemento, a fusão, quanto a divergência, o desacordo, o embate, o questionamento, a recusa” (FARACO, 2009, p. 68).

Ao enfatizar o aspecto multidirecional do funcionamento das relações dialógicas, Faraco (2009) se volta para a ideia de que “um tenso combate dialógico ocorre nas fronteiras”, utilizada por Bakhtin em seu caderno de notas de 1970/1071 (p. 143), para mostrar a dinamicidade das relações dialógicas. Assim, Faraco (2009) destaca também a ideia de Voloshinov (1973), que atribui essa dinâmica das relações dialógicas como sendo “um estado de tensão constante, ou de interação e conflitos ininterruptos”, não apenas na relação de consenso, de entendimento, de acordo.

Por fim, as relações dialógicas são lugares de tensão entre enunciados, em que estes não apenas coexistem entre si, mas se confrontam nessas relações. Temos, então, o que Faraco (2009, p. 69) chama de “responsividade caracterizada pela adesão incondicional ao dizer de outrem”, que se constitui num espaço de tensão deste dizer com outros dizeres, outras vozes sociais, de tal maneira que “aceitar incondicionalmente um enunciado (e sua respectiva voz social) é também implicitamente (ou mesmo explicitamente) recusar outros enunciados (outras vozes) que podem se opor dialogicamente a ela”.

O conceito de polifonia, desenvolvido por Bakhtin na prosa romanesca, refere-se aos “conceitos de realidade em formação, inconclusibilidade, não acabamento, dialogismo, polifonia” (BEZERRA, 2010, p. 191). A polifonia no romance se constitui de uma categoria oposta à de monológico, esta associada aos conceitos de monologismo, autoritarismo, acabamento. Assim, o monologismo restringe-se a um tipo de discurso acabado, indiscutível, dogmatizado, não sujeito a novas mudanças, o que sujeita o interlocutor ao horizonte do autor. A este modelo de monologismo, o sujeito autor

“concentra em si mesmo todo o processo de criação, é o único centro irradiador da consciência, das vozes, imagens e pontos de vista do romance: “coisifica” tudo, tudo é objeto mudo desse centro irradiador. O modelo monológico não admite a existência da consciência responsiva e isônoma do outro; para ele não existe o “eu”

isônomo do outro, o “tu”. O outro nunca é outra consciência, é mero *objeto* da consciência de um “eu” que tudo enforma e comanda”. (BEZERRA, 2010, p. 192)

O monologismo se aplica a este trabalho, à forma como analisamos as vozes sociais que remetem apenas a ecos de discursos já-ditos pelo senso comum. É como se o sujeito autor (emissário) não admitisse em sua produção textual a existência dessa consciência responsiva do outro. Recusa, assim, a relação isonômica entre as consciências do “eu” e do “tu”, considerando autoritariamente que o sujeito destinatário não tem mais nada a dizer. Conforme Bezerra (2010, p. 192), o discurso enunciativo fica, portanto, como algo acabado, em que o autor “já disse a última palavra por elas e por si”. Para essa relação entre autor (sujeito emissor) e personagens (destinatário), os destinatários são estabelecidos pelo sujeito emissor como um objeto do discurso do autor, em que o sujeito emissor os vê como matéria muda que se imobiliza no acabamento definitivo que o autor autoritariamente no discurso lhes atribui. Deste modo, o sujeito emissor torna-se, num contexto de produção textual, um sujeito meramente reprodutor de discursos já-ditos, que ecoa discursos acabados, não assumindo a condição de sujeito autor que é capaz de falar e responder por si mesmo.

A modalidade polifônica, opostamente se manifesta ao modelo monológico dada uma relação dialógica, em que o sujeito emissor atribui aos personagens (destinatários) a representação de um processo de evolução inacabada, de uma realidade em formação que admite a existência da consciência responsiva e isônoma do outro. A polifonia se estabelece na multiplicidade de vozes conflituosas da vida social, cultural e ideológica representada entre os sujeitos dialógicos. Desta forma, a dicotomia entre monologismo e dialogismo polifônico se apresenta para a aplicação do conceito de autor e autoria, tendo na categoria de polifônico uma igualdade no diálogo interativo do eu (autor) com o(s) outro(s) (personagens). Na polifonia, as vozes do “outro” passam a ser sujeito de seus próprios discursos (discurso autoral), aberto à interação da consciência do autor com outras consciências, soando ao lado do dizer do autor e não como objeto (eco) do discurso do autor. Deste modo, na autoria das vozes sociais os discursos revelam-se como sujeitos de suas próprias consciências:

“A passagem do monologismo para o dialogismo, que tem na polifonia sua forma suprema, equivale à libertação do indivíduo, que de escravo mudo da consciência do autor se torna sujeito de sua própria consciência. [...] o “homem no homem” não é uma coisa, um objeto silencioso; é outro sujeito, outro “eu” investido de iguais direitos no diálogo interativo com os demais falantes, outro eu a quem cabe auto-revelar-se *livremente*”. (BEZERRA, 2010, p. 193)

## 2.4 A produção do gênero artigo de opinião: por uma metodologia interacionista

No processo de produção textual, a complexidade da avaliação é um dos desafios para o professor, uma vez que nos deparamos com questões como: o que avaliar, como e para quê. Segundo Antunes (2006), a avaliação não deve ser efetuada como uma tarefa de “correção”, reduzindo-se ao trabalho de apontar erros, em que ficam limitadas as entrelinhas do texto e das construções sintáticas. O aluno precisa estar como sujeito que ocupa o lugar central do processo de aprendizagem em que este auto-avalia, e o professor tem o papel de coparticipante deste processo, tornando claro o que não foi atentado pelo aluno. Em suma, “a esse olhar do aprendiz virá juntar-se o outro do professor, para completar, para fazer transparecer o que não foi percebido, para propor novas formas de dizer, ou certos ajustes que o contexto da atividade sugere, se se tratar de atividades de linguagem” (ANTUNES, 2006, p. 164).

Quanto às atividades de linguagem, as questões polêmicas que engendram os conflitos vividos no nosso cotidiano promovem a sustentação de posições próprias em relação a essas questões. Para tanto, a capacidade de argumentar se faz o eixo principal a ser explorado na produção deste gênero, com vistas a convencer o interlocutor, por meio da justificação dos dados apresentados, dos fatos considerados, da “afirmação de natureza controvertida que é a Conclusão” (GARCIA, 2012, p.103).

Para Garcia (2012) *apud* Toulmin (2001), a argumentação estabelece um raciocínio que parte de dados aceitos (fatos tidos como verídicos), arrolados a uma justificativa sobre esses dados para conduzir o ouvinte a uma provável conclusão. A argumentação se constitui, portanto, de três elementos básicos: a Conclusão, os Dados e a Justificativa. A Conclusão está para a tese, sendo de natureza controvertida e engendra a argumentação final ou fundamenta um Dado para outro argumento. Os Dados estão ligados aos fatos (informações, afirmações aceitas ou comprovadas), e estes são inerentes no processo como todo por ser o ponto de partida da argumentação. A Justificativa permite conduzir de forma mediadora os Dados aprovados para confirmar o que é afirmado pela tese. Os elementos constitutivos desse tipo de argumentação têm características típicas do discurso argumentativo, envolvendo as formas de implicitude e explicitude nos atos discursivos

É importante perceber que, enquanto os Dados fazem um apelo explícito ao ouvinte, a Justificativa, de natureza mais geral, pode apelar apenas implicitamente. Nesse caso, presume-se que a informação contida na Justificativa seja apenas inferida. Tais informações não explícitas é que, muitas vezes, estabelecem a coerência do texto. (GARCIA, 2012, p. 103)

Ainda conforme Garcia (2012) *apud* Toulmin (2001), este autor acresce outros três tipos de argumentação que envolve a produção textual: Modalizadores, Refutação e Suporte. Os Modalizadores se estabelecem pelos vários tipos de justificativa que conferem diferentes graus de força à Conclusão. São as atitudes ou posições do autor indicadas por palavras ou expressões diante de suas próprias asserções. A Refutação induz o sujeito enunciator antecipar possíveis objeções a sua tese ou apontar para variadas condições que afastam as posições contrárias a sua Conclusão. Por fim, o Suporte garante uma maior sustentação junto a Justificação, complementando as informações quando esta não tem eficácia para apoiar a Conclusão.

No ensino de produção textual, o método interacionista – como o próprio nome sugere – se vale de uma condição de produção para promover um ambiente de interação entre o sujeito enunciator e pelo menos um sujeito destinatário imediato, cuja finalidade é enfatizar a autonomia subjetiva do ato discursivo. Nesses termos, “a produção textual do aluno se constitui como uma autêntica produção de sentido, mediante a execução de uma ação de linguagem” (BONINI, 2002, p. 34) para obter uma função de mediação entre duas posições enunciativas.

As concepções tradicionais prescritivas sobre produção textual se fundamentam nas técnicas da retórica clássica para formular regras do bem escrever. Nessa perspectiva metodológica, a prática de produção textual se limita à escrita e ao domínio das normas gramaticais, o que chamam de método retórico-lógico. Assim, no processo de escrita, o sujeito enunciator limita-se ao objeto em si, tornando-o monólogo, quase que sem interação com um sujeito destinatário imediato: professor, sala de aula, espaço escolar. Bonini (2002), acrescenta que, no método retórico-lógico, a produção textual escolar não teria um interlocutor. Embora o professor esteja na condição de interlocutor,

mas que seu papel, ao invés de possibilitar a intersubjetividade e a troca autêntica, é castrador, pois detém uma posição de poder sobre o aluno. Como sabe que o professor é, possivelmente, o único leitor e que seu texto estará sendo julgado, o aluno procura copiar a voz deste, “escrever a partir do que acredita que o professor gostará (e, conseqüentemente, dará uma boa nota)”. (BONINI, 2002, p. 34)

Diferentemente do método retórico-lógico, o método interacionista possibilita a intersubjetividade no ato discursivo; conduz o conteúdo gramatical pelo viés da metalinguística – em que a linguagem torna-se o objeto de reflexão – e aponta epilinguisticamente para a atividade que o sujeito atua sobre a linguagem de forma. Sobretudo, a metodologia interacionista cria uma condição de produção para estabelecer uma situação autêntica e real de interação (a produção de um jornal de circulação escolar, um artigo de opinião que será lido por outros em sala de aula, etc.), conscientizar o sujeito enunciativo de seu papel na relação dialógica entre o seu discurso e o discurso do outro e encaminhar este a fazer análise linguística a partir de sua própria produção.

A lógica e a retórica, segundo Possenti (s/d), são teorias que tratam das formas dos argumentos. Na forma lógica, tem-se o tipo de silogismo chamado entimema, muito recorrente na retórica que se caracteriza por um discurso que busca persuadir o outro sem demonstrar, ou seja, apresenta uma premissa, ficando a outra implícita. É, a partir deste apontamento, dentre as diversas formas argumentativas existentes, que se apresenta o discurso velado (vozes sociais). Pois, nesse tipo de silogismo se estabelece a relação entre os enunciados, entre o que é verdadeiro e o que é falso nos enunciados, numa dimensão axiológica (valores de caráter ideológicos) das relações dialógicas. Deste modo, Possenti (s/d, p. 3) afirma que a esse tipo de silogismo, “num certo sentido, pode-se dizer que a retórica se baseia nas crenças dos ouvintes, que ela as explora”.

Ainda segundo Possenti (s/d), os textos dissertativos-argumentativos, que neste trabalho se resumem ao gênero artigo de opinião, se caracterizam pela formulação de uma tese e a justificativa. Para este autor, a tese é “o resumo de uma posição (de uma teoria, de uma ideologia)” (POSSENTI, s/d, p. 4) e pode ser de caráter ideológico, ou seja, que expressa uma crença científica, religiosa, política, jurídica, moral. Portanto, ideologia tem a ver com a expressão de valores morais, éticos, filosóficos, tem a ver com ideias. Assim, os argumentos são divididos em quantitativos (numéricos e estatísticos) e em qualitativos ou “abstratos (expressando valores, isto é, ideologias)” (POSSENTI, s/d, p. 5). Ambos são usados para a construção argumentativa no texto, no confronto das ideias, para confirmá-las ou refutá-las.

Em suma, por meio da análise dialógica da linguagem, com base nos principais conceitos de Bakhtin sobre o discurso, é possível desencadear a complexidade e o confronto existentes na multiplicidade de discursos e vozes que constituem o texto, analisando, assim, o papel da linguagem, do sujeito, das relações dialógicas. Desse modo, o dialogismo bakhtiniano se constitui como alicerce para analisar várias situações existentes sobre a natureza da linguagem, bem como das questões da vida humana.

O dialogismo consiste em investigar o objeto (discurso) considerando sempre os aspectos histórico-sociais. Deste modo, a concepção de linguagem se constitui numa interação em que todo enunciado se apresenta como uma resposta a um discurso já-dito, tanto numa situação imediata como num contexto mais amplo. Assim, o enunciado não se constitui apenas como materialidade verbal, pois é social e, deste modo, só é compreendido se considerar os elementos constitutivos que o formam. São essas teorias que fundamentam nossa análise, que pretende explicar, por meio da identificação de vozes sociais presentes no texto do aluno, os aspectos sociais, a ideologia, a multiplicidade da linguagem que permeiam o fio do discurso do discente.

### 3. ANÁLISE DIALÓGICA DOS ARTIGOS DE OPINIÃO

#### 3.1 Análise das produções textuais

Nessa seção, nosso objetivo de análise propõe identificar e categorizar as vozes sociais constituídas nos 25 textos produzidos por alunos do ensino médio de uma escola pública, para verificar se o ponto de vista construído nos artigos de opinião se dá de forma autoral (que, ao produzir discursos já-ditos, refuta e confronta estes ideologicamente demarcados pelo senso comum) ou se este reproduz/ecoia discursos já-ditos pelo senso comum. Para tanto, as produções textuais serão divididas em duas categorias de análise:

1. Ecos/reprodução de discursos do senso comum;
2. Pontos de vista que fogem ao senso comum (à previsibilidade).

Para a primeira categoria, a partir da temática “Violência Urbana”, subdividiremos a análise em 8 tópicos temáticos (*a-h*), que se relevaram ideologicamente, nas produções textuais analisadas, enquanto ecos/reprodução de discursos do senso comum, em que o ponto de vista do aluno apenas reproduz valores sociais padronizados de discursos já-ditos pelo senso comum:

- a) Violência doméstica é uma prática corriqueira e comum na sociedade (a naturalização/banalização da violência doméstica);
- b) As vítimas são apresentadas como impotentes para combater a violência sofrida por serem crianças, deficientes, idosos e mulheres (impotência/fragilidade das vítimas);
- c) Mulher como sexo frágil;
- d) Família como solução para a violência;
- e) Proteção do estado (Polícia, Leis, medidas de tratamento) como solução para a violência (reprodução do discurso político);
- f) Justificativas para os atos de violência: motivos pelos quais os agressores são levados a praticarem a violência;

- g) Violência doméstica como problema de ordem espiritual (discurso religioso);
- h) Violência gera violência.

A segunda categoria está subdividida em 4 tópicos temáticos (*a-e*), que reverberam a ideologia de grupos sociais distintos, com discursos que fogem ao senso comum, o que podemos afirmar que tais enunciações axiológicas se valem de um ponto de vista constituído no texto de forma autoral. Assim, temos vestígios (em poucas manifestações enunciativas) de vozes sociais que confrontam e refratam discursos já-ditos pelo senso comum:

- a) Existem vítimas tidas como “indefesas” que reagem e sabem se defender;
- b) A falta de proteção e a deficiência do estado quanto ao problema da violência;
- c) A mulher não precisa se submeter à autoridade do homem;
- d) Violência doméstica não deve ser uma prática banalizada, vista como comum na sociedade.

É preciso afirmar, conforme a descrição da sequência didática, que a temática estava voltada para uma discussão ampla que envolvia todos os tipos de violência urbana. Entretanto, os alunos foram unânimes em discorrer sobre apenas um tipo de violência, a doméstica. Assim, podemos identificar que a escolha específica deste tipo de violência está diretamente relacionada ao convívio e contexto situacional vivido por estes alunos.

As afirmações de Bakhtin (1997), quanto às atividades humanas estarem diretamente relacionadas com os interlocutores sociais que reproduzem os mais diversos e heterogêneos usos de interações verbais no processo comunicativo de caráter ideológico, nos apontam para o uso dessas interações verbais não apenas como requisito escolar para a produção de gêneros discursivos, mas para a interação real que se entrecruza com realidades vividas no convívio social destes alunos. Assim, temos o dialogismo de vozes sociais em que os alunos confrontam suas próprias realidades com temáticas que os envolvem diretamente em suas atividades humanas, embora Fiorin (2008, p. 19) diga que “todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam”. Portanto, mesmo que os discursos destes alunos estejam voltados para o confronto da realidade em si, estes reproduzem no texto, mesmo que de forma inconsciente, como uma retomada de discursos anteriormente pronunciados por uma determinada classe social. Deste modo, a escolha unânime da violência doméstica para o tratamento do tema ecoa ideologicamente o conceito que se tem sobre violência, que se restringe e habitualmente se dá no seio familiar como algo corriqueiro, banal.

Temos, portanto, desde o título do texto produzido pelos alunos, vozes passíveis de observação analítica que direcionam a escolha do tipo de violência, pois, mesmo que elas não se apresentem no fio do discurso, estão aí presentes:

*“Violência e agressões contra as mulheres” (Texto 1)*

*“Não à violência doméstica” (Texto 2)*

*“A violência doméstica” (Texto[T] 3, linha[L] 1; T 4, L 1; T 5, L 1; T 9, L 2; T 10, L 3; T 15, L 1; T 16, L 1; T 17, L 1; T 18, L 1; T 25, L 2)*

*“Violência doméstica, um dos maiores problemas do nosso país” (Texto 6)*

*“Violência doméstica na sociedade” (Texto 7)*

*“O combate à violência doméstica” (Texto 8)*

*“Violência doméstica, um problema que gera problemas” (Texto 11)*

*“Violência doméstica, sofrimento com solução” (Texto 12)*

*“Violência em casa” (Texto 13)*

*“Violência doméstica: uma realidade perversa” (Texto 14)*

*“Diga não à violência doméstica” (Texto 19)*

*“A violência dentro de casa” (Texto 20)*

*“Violência na família” (Texto 21)*

*“O medo das vítimas, sobre a violência doméstica” (Texto 22)*

*“A violência doméstica no século XXI” (Texto 23)*

*“Violência em casa” (Texto 24)*

Num primeiro momento, ao dividirmos nossa análise dialógica em duas categorias, passaremos a discorrer e apontar em cada texto as vozes sociais que se revelaram no discurso do aluno e que foram subdivididas em tópicos temáticos, como acima supracitado. A primeira dimensão axiológica, em que se apresenta o discurso velado (vozes sociais), que está tipicamente marcado pelo senso comum por não trazer em seu ponto de vista um posicionamento de autoria consciente e original é a seguinte:

- a) Violência doméstica é uma prática corriqueira e comum na sociedade. (a naturalização/banalização da violência doméstica)

Este discurso velado se constitui no texto de forma inconsciente (que ecoa/reproduz discursos do senso comum), posto que a dimensão axiológica (valores de caráter ideológicos

das relações dialógicas) está encharcada pelo conceito de banalização da violência doméstica, da naturalização desta, tida como comum nas práticas familiares. Conforme a natureza dos dados, ao analisar os aspectos de caráter quantitativo, pudemos estimar em que proporção os discursos dos alunos explicitados no texto refletem tais discursos alheios: 10 dos 25 textos estão carregados deste valor axiológico do senso comum. Assim, temos: Texto 1 (linhas 2-5); Texto 2 (linhas 3-4); texto 3 (linhas 1-3); texto 4 (linhas 25-27); texto 8 (linhas 20-22); texto 9 (linhas 1-2); texto 14 (linhas 2-3); texto 15 (linhas 2-3); texto 16 (linhas 2-3); texto 21 (linhas 2-3), dos quais destacaremos alguns:

*“A violência doméstica é muito comum na vida de algumas pessoas” (Texto 1)*

*“A violência doméstica é uma situação que ocorre com frequência na sociedade” (Texto 2)*

*“A violência doméstica é um problema global” (Texto 14)*

*“A violência doméstica é uma agressão que ocorre desde muito tempo na sociedade” (Texto 15)*

*“A violência doméstica é um ato que ocorre nas famílias” (Texto 16)*

A construção destas orações de forma genérica, com a utilização de verbos como: “é” e “ocorre”; de afirmações como: “é muito comum”, “ocorre com frequência”, “ocorre desde muito tempo”, “ocorre nas famílias” são os termos da linguagem verbal que apontam para a ideia de naturalização, de banalização da violência doméstica.

O segundo tópico temático que revela ecos/reprodução de discursos do senso comum, se baseia na ideologia velada dos enunciados na construção do sentido de que as vítimas sofrem violência por serem impotentes e que são sempre crianças, deficientes, idosos e “principalmente” mulheres. Conforme este tópico, analisaremos enunciados que remetem a esse discurso, como vozes sociais que são tomadas e reproduzidas nos 25 textos produzidos pelos alunos.

- b) As vítimas são apresentadas como impotentes para combater a violência sofrida por serem crianças, deficientes, idosos e mulheres.

Prevalece nesse tópico a ideia do senso comum entre todos esses alunos, que não se posicionam em confronto com discursos alheios, mas apenas os remetem em conformidade, aceitação e afirmação dessas vozes sociais. Assim, vejamos as citações de cada texto e, logo abaixo, alguns enunciados destas citações que remetem a esse discurso: Texto 1 (2-7, 10-13); Texto 2 (4-6, 7-9, 15-17); texto 3 (1-2, 6-8); texto 4 (2-4, 8-11) texto 5 (3-8, 9-16, 17); texto 6 (9-10, 13-14); texto 7 (3-5, 11-15, 20-22); texto 8 (4-5, 7-8); texto 9 (texto 9 (9-11, 15-18), texto 10 3-5, 13-16); texto 11 (3-4); texto 12 (2-4, 7-9); texto 13 (3-5, 17-18); texto 14 (4-6, 14-21); texto 15 (4-5, 15-16, 20-21); texto 16 (3-4); texto 17 (12-15); texto 18 (7-8); texto 19 (3-5, 8-10, 13-15); texto 20 (4-5); texto 21 (3-5); texto 22 (3-4); texto 23 (16-17); texto 24 (4-6); texto 25 (3-5).

*“A violência doméstica é muito comum na vida de algumas pessoas, sendo que na das mulheres é maior. Pois elas sofrem agressões do seu companheiro. Elas são maltratadas e tratadas como nada” (Texto 1, 2-6).*

*“As vítimas de violência doméstica em sua maioria são mulheres, mas também acontece com crianças, idosos e portadores de deficiência” (Texto 2, 4-6)*

*“A violência doméstica acontece muito com crianças, idosos e mulheres” (Texto 3, 1-2)*

*“Violência doméstica é uma ação que acontece contra crianças, adolescentes, mulheres e idosos” (Texto 4, 2-4)*

*“Pode se dar por meio de abuso sexual contra crianças, maus-tratos contra idosos e o principal a agressão contra as mulheres” (Texto 5, 5-8)*

*“A mulher como o ‘sexo frágil’ não tem como se defender” (Texto 6, 9-10)*

*“A violência doméstica é o ato de agredir verbal ou fisicamente uma pessoa que muitas vezes é inferior ao agressor” (Texto 7, 3-5)*

*“Várias vítimas tem medo de denunciar o agressor e isso faz com que ele a agrida cada vez mais” (Texto 7, 20-22)*

As citações elucidam que mulheres, crianças, idosos e deficientes são impotentes, “inferior[es] ao agressor”, sentem medo e, portanto, sofrem agressões porque não sabem se defender. Esse discurso traz consigo vozes sociais que refletem a ideologia de uma cultura machista, em que o homem é superior, pois é “como chefe da casa, sente-se no direito de bater na mulher e nos filhos” (Texto 6, 8-9). Esse discurso são relações entre posições sociais, discurso de caráter moralista que se apresenta de forma inconsciente nos enunciados produzidos pelos alunos.

c) Mulher como sexo frágil

A “Mulher como sexo frágil” é outra ideologia que entrecruza os discursos de grupos sociais distintos. Para este terceiro tópico temático, analisamos como se apresentam os enunciados dos alunos. Percebemos que os discursos reforçam ainda mais a forma como essas vozes sociais estão inconscientemente construídas no conhecimento de mundo que eles carregam sobre a temática trabalhada e que o ponto de vista se constitui no texto apenas como reflexo desse discurso ainda de caráter machista.

13 textos analisados compuseram em seus escopos discursivos a presença de discursos marcados pelo senso comum. Temos então: texto 1 (2-5); texto 2 (4-5); texto 4 (12-13); texto 5 (7-8); texto 6 (8-10); texto 8 (7-9); texto 12 (7-9); texto 14 (14-21, 25-26); texto 16 (18-19); texto 18 (7-10); texto 20 (12-14); texto 20 (linha 12-13); texto 21 (5); texto 24 (5-6). Cabe-nos exemplificar alguns enunciados para a análise acima sugerida:

*“A mulher como o ‘sexo frágil’ não tem como se defender” (Texto 6, 9-10)*

*“A violência doméstica é maior contra a mulher por ser mais frágil do que o homem” (Texto 8, 7-9)*

*“As mulheres tem medo de denunciar seus companheiros por que sofrem ameaças” (Texto 16, 17-19)*

*“A violência doméstica geralmente é praticada contra mulheres e criança, que na maioria das vezes sofrem caladas, pois são mantidas sob ameaças” (Texto 18, 7-10)*

Os dois primeiros enunciados exemplificados são explícitos em sua posição axiológica em relação à fragilidade do sexo feminino. Entretanto, nos outros dois enunciados, encontramos um discurso velado, que implicitamente carrega os mesmos sentidos axiológicos quando tais alunos utilizam enunciados como *“sofrem ameaças, sofrem caladas, tem medo e são mantidas sob ameaça”*.

d) Família como solução para a violência

A “Família como solução para a violência” constitui o 4º tópico temático da primeira categoria, que revela, no ponto de vista do aluno, a reprodução/ecos de discursos já-ditos, discursos do senso comum. Embora os textos não revelem maturidade profunda quanto ao senso crítico dos alunos em relação ao conhecimento de mundo em que possuem (dada a faixa etária trabalhada – 15 a 18 anos), é possível perceber nos argumentos sutis e superficiais utilizados por eles a presença, mesmo que imatura de conceitos sobre a temática trabalhada, de ideias em estado de formação. Na verdade, são apenas absorvidas e reproduzidas de discursos alheios, ou seja, o sujeito autor torna-se, para esse caso, objeto do “outro” e perde sua autoria para reproduzir vozes sociais que o cercam, ainda que de forma inconsciente.

Nos Textos 2 (linhas 24-25), 3 (10-12), 4 (17-19), 11 (5-6); 11 (15-16); 16 (11-12); 23 (23-24); 24 (20-25), os enunciados elucidam o diálogo entre membros da família como solução para a violência doméstica: o Texto 17 inicia sua proposta argumentativa com o título *“Menos conflitos e mais conversa”*, justamente para enaltecer o valor da família como resolução dos conflitos convividos no lar:

*“Por fim o que todos sabem é que a violência doméstica é errado, e só há duas soluções para o caso: a primeira é haver muito diálogo entre a família e a segunda, tratamentos para agressores e vítimas” (Texto 2, 23-26)*

*“Se não houver uma conversa entre familiares, se não tiver uma ajuda para diminuir os conflitos, a violência doméstica vai se estender cada vez mais e poderá até virar uma coisa pior” (Texto 17, 16-19)*

Os termos enunciativos *“se não tiver ajuda”*, *“se estender cada vez mais”* *“poderá até virar uma coisa pior”* revelam que os argumentos são vagos por não possuir maturidade

para discorrer sobre o assunto. Entretanto, tem em sua essência enunciativa “*Se não houver uma conversa entre familiares*”, “*haver muito diálogo entre a família*” a ideia do senso comum de que a família é a base da sociedade e que o diálogo soluciona conflitos domésticos, ideologia que remete outra vez à reprodução aos discursos de grupos sociais distintos.

- e) Proteção do estado (Polícia, Leis, medidas de tratamento) como solução para a violência (reprodução do discurso político);

O 5º tópico temático, “Proteção do estado (Polícia, Leis, medidas de tratamento) como solução para a violência”, é a reprodução do discurso político, massificado em grupos sociais distintos. Desta forma, o texto 1 (17-26); Texto 2 (15, 24-26); texto 3 (13-16); texto 4 (22-25); texto 5 (17-19); texto 6 (12-14); texto 7 (20-23); texto 8 (9-11, 22-25); texto 9 (22-25); texto 11 (16-20); texto 13 (19-24); texto 15 (18-20); texto 16 (15-17); texto 18 (14-17); texto 19 (20-22); texto 20 (19-26); texto 21 (linha 16-18); texto 23 (22-23); e texto 25 (21-23) compõem em suas manifestações enunciativas discursos do senso comum. Assim, o Estado de direito democrático pune aos infratores de forma eficiente e concede o cumprimento pelo gozo dos direitos sociais aos cidadãos. Esta ideologia, também de caráter político, traz em suas dimensões axiológicas a pérfida ideia de justiça e de isonomia, mas que é idealizado utopicamente como modelo que garante a ordem social. Com base nesses discursos de caráter político, 19 textos se inclinaram para reproduzirem essas vozes sociais, afirmando que a Polícia, as Leis e as medidas de tratamento são determinantes para resolução da violência doméstica. Apontamos a seguir alguns enunciados que revelam as assertivas ideológicas supracitadas.

*“A **solução** para acabar com a violência é **denunciar**, orientar a **polícia** sobre seu caso para que, com isso já fiquem orientados. Caso aconteça algum caso, deve-se fazer a denúncia na **Lei Maria da Penha** Uma Lei que foi adotada para **proteger** as mulheres quando elas forem agredidas pelo seu companheiro” (Texto 1, 17-23)*

*“Mas hoje já tem a **lei** que **protege** esses casos que é a lei Maria da Penha, com essa lei diminuiu muito o índice de violência no Brasil e no mundo mais infelizmente ainda existe” (Texto 3, 13-17)*

No texto 1, a proteção do estado é assegurada como “*solução para acabar com a violência*”. O enaltecimento ao nacionalismo, a manutenção da ordem pública são ideologias do discurso político que estão velados nesses enunciados, que veem o Estado como infalível em suas ações. Já no texto 2, o aluno recorre à lei como medida de proteção, mas o faz de forma cautelosa ao destacar que a Lei amenizou os índices de violência, mas ainda permanece a prática dessa violência na sociedade “*essa lei **diminuiu muito** o índice de violência no Brasil e no mundo **mais infelizmente ainda existe**”.*

- f) Justificativas para os atos de violência: motivos pelos quais os agressores são levados a praticarem a violência;

As “Justificativas para os atos de violência: Os motivos pelos quais os agressores são levados a praticarem a violência” representam vozes sociais que se entrecruzaram no fio do discurso dos alunos como ecos de discursos já-ditos pelo senso comum. Assim, as vozes do “outro” não passam a ser sujeito de seus próprios discursos (discurso autoral), aberto à interação da consciência do autor com outras consciências (polifonia), mas refletem como objeto (eco) do discurso do autor (classes sociais distintas). Os aspectos axiológicos, neste contexto, se apresentam como justificativas para atenuar a culpabilidade de atos de violência praticados pelo agressor. Dos 25 alunos, 17 em suas produções textuais, refletiram, mesmo que de forma inconsciente, a ideologia desses valores axiológicos:

*Texto 2 (7-9, 18-22); texto 3 (4-6); texto 4 (12-14); texto 6 (6-10); texto 7 (8-11), texto 8 (14-15); texto 10 (9-12); texto 11 (5-9); texto 13 (9-13); texto 14 (6-10); texto 16 (8-10); texto 17 (7-9, 12-13); texto 18 (5-7); texto 21 (6-11); texto 22 (8-9); texto 24 (7-11).*

Dentre as citações que remetem para a justificativa de atos de violência, estão os motivos pelos quais os agressores são levados a praticarem a violência: “alcooolismo”, “drogas”, “machismo”, “ignorância”, “ciúmes”. No texto 4, linhas 12-14, apontamos:

*“Outro caso são as mulheres agredidas pelos seus maridos, que chegam em casa alcoolizados e espancam sua esposa”.*

*“As causas de muitas agressões são: separação, traição, ciúmes, entre tantas outras causas” (texto 7, linhas 8-10)*

*“Em sua maioria, são pessoas de mal endole, fracos na verdade seres incapazes de sentir um pouco de amor por si mesmo e pelos outros, pessoas desequilibradas ‘sem coração’” (Texto 10, 9-12)*

Os enunciados que tratam das causas (motivos pelos quais ocorre a violência doméstica), em seus recursos argumentativos para a construção do artigo de opinião, perpassam o fio do discurso por não apenas atestar o fato em si (a realidade que o cerca), mas utilizar em sua linguagem efeitos de sentido no argumento que possibilita a justificativa para o ato de violência praticado. Assim, *“chegam em casa **alcoholizados** e espancam sua esposa”* tenta justificar o agressor que pratica um ato de violência por estar sob efeito de drogas lícitas. Neste enunciado *“pessoas de mal endole, fracos na verdade seres incapazes de sentir um pouco de amor por si mesmo e pelos outros, pessoas desequilibradas ‘sem coração’”*, o discurso apela para fatores de ordem moral e espiritual, pois *“mal endole”*, *“incapaz de sentir um pouco de amor por si mesmo e pelos outros”* e *“sem coração”* tem na justificativa para o ato agressor a ausência da fraternidade, do amor ao próximo, da maldade existente no homem (ideologia de vozes sociais marcadas pelo discurso religioso). No Texto 2, linhas 18-21, temos uma outra justificativa que merece destaque:

*“A **MAIORIA** das pessoas é contra a violência em todos os aspectos, pois uma pessoa que agride outra por **MOTIVOS FÚTEIS** não usa e nem está em sã consciência, além de não ter bom senso”*

As vozes que estão veladas nesse discurso remetem à ideologia de que a agressão pode ser justificada se houver razão ou motivos relevantes para a prática da violência, pois o uso da expressão “motivos fúteis” remete à ideologia que pertence ao senso comum. Deste modo, o termo “A maioria” carrega dizeres subentendidos em que pessoas, mesmo sabendo que “é errado”, são a favor da violência doméstica, desde que haja motivo relevante para esta prática. A afirmação *“Por fim o que todos sabem é que violência doméstica é errado”* (texto 2, linhas 23-24) retoma ao discurso de que é “errado”, mas que “a mulher tem de ser agredida quando merecer”. Esses valores axiológicos de que “a mulher tem de ser agredida quando merecer”

decorrem de discursos de grupos sociais distintos que perpassam em conflitos com discursos de reprovação para a prática da violência.

A linguagem utilizada e seus efeitos de sentido no argumento formulado por estes alunos refletem ecos e meras reproduções de discursos de um determinado grupo social, em que o autor se volta mais uma vez como objeto (eco) do “outro”, em que sua consciência não está em liberdade para dialogar em confronto com outras consciências, pois, na autoria das vozes sociais, os discursos revelam-se como sujeitos de suas próprias consciências, “é outro sujeito, outro “eu” investido de iguais direitos no diálogo interativo com os demais falantes, outro eu a quem cabe auto-revelar-se livremente”. (BEZERRA, 2010, p. 193).

g) Violência doméstica como problema de ordem espiritual (discurso religioso)

O 7º tópico temático, da primeira categoria de análise, tem em seus efeitos de sentidos a composição do discurso religioso velado nos enunciados. Para tanto, a violência doméstica é apresentada pelos discursos dos alunos como problema de ordem espiritual. Desta forma, temos em três produções textuais as seguintes citações: texto 9, linhas 21-22; Texto 10, linhas 9-12 e texto 21, linha 20). O Texto 9, que tem como título “*O sol não brilha para todos*”, representa um discurso de uma certa corrente teológica que defende a ideia de uns nascerem predestinados para serem “abençoados” e outros para serem “amaldiçoados”. De tal modo, esse valor axiológico reflete para o discurso velado de que a violência doméstica está predestinada para fazer parte da vida de uns e de outros não.

No texto 10,

*“Em sua maioria, são pessoas de mal endole, fracos na verdade seres incapazes de sentir um pouco de amor por si mesmo e pelos outros, pessoas desequilibradas ‘sem coração’” (Texto 10, 9-12)*

a explicação para a existência da violência doméstica e para esta prática é de cunho religioso, pois os efeitos de sentido para os quais aludem os enunciados são de que as pessoas praticam a violência doméstica por serem “mal”, sem amor, “sem coração”. Essas explicações conclusivas remetem a vozes sociais de grupos religiosos, tendo em sua essência enunciativa a repetição dessas vozes. Há ausência, portanto, um ponto de vista autoral, de uma consciência que fala do “outro” de forma refratada, na construção do sujeito-autor em que as significações estão configuradas para além dos signos em si, mas a partir da dinâmica da história, da diversidade de experiências concretas, múltiplas e heterogêneas dos grupos

humanos, com suas contradições e confrontos axiológicos e interesses sociais, conforme alude Faraco (2009).

#### h) Violência gera violência

No último tópico temático “Violência gera violência”, da primeira categoria de análise, observamos nas produções textuais dos alunos a presença de vozes sociais que constituíam em seus argumentos frases de efeito do senso comum. Assim, temos a enunciação “*Violência só gera violência*” do texto 25 (linhas 20-21), que reitera a ideia da banalização e naturalização da violência doméstica dentro de um “comportamento aprendido”, em que um agride o outro e este, o outro, e assim por diante. Nas citações das produções textuais, estão selecionados alguns textos que remetem à ideologia do comportamento aprendido e à presença comum da violência em nossa sociedade: texto 7 (11-15); texto 9 (18-20); texto 11 (10-12); texto 13 (16-17); texto 15 (12-15), texto 20 (4-6); texto 24 (11-16); texto 25 (6-8, 20-21). Destacamos os trechos:

*“Muitas crianças presenciam as agressões na família e ficam com medo ou pânico dos pais, elas preferem ficar isoladas, sem contato com ninguém e **muitas crianças que presenciam agredem os parceiros mais tarde**” (texto 7, linhas 11-15)*

*“Os que sofrem agressões, criam em sua mente um tipo de estigma social, ou seja, são tantas agressões que a pessoa se sente inferior aos demais da sociedade, **por assistir e sofrerem tanta violência**. É notório que isso **altera os comportamentos sociais**, podendo gerar um ser agressivo perante a sociedade” texto 9 (14-20)*

*“Esse problema leva a **um ciclo ininterrupto**, no qual a pessoa que sofre agressão dos pais, passa a agredir seu próprio filho” texto (10-12)*

*“As mulheres, filhos, idosos, agredidos tem muitas consequências como, tentativa de suicídio, **ficar com vontade de bater nos outros**, etc. E assim se cria **uma cadeia**: Marido bate em mulher, mulher nos filhos, filhos nos animais indefesos”*

A ideologia de “comportamento aprendido”, “a situação faz o ladrão”, “Aqui se planta, aqui se colhe” (adágios populares) são dimensões axiológicas presentes nos discursos

velados destes alunos e que incorporam e reproduzem essas vozes sociais do senso comum. A ideia de comportamento aprendido nos enunciados “*ficar com vontade de bater nos outros*”, “*se cria uma cadeia*”, “*um ciclo ininterrupto*”, “*altera os comportamentos sociais*” é notória e traz em sua produção de sentido a ausência de autonomia subjetiva do ato discursivo.

Portanto, os oito tópicos temáticos da primeira categoria de análise se relevaram ideologicamente nas produções textuais como ecos/reprodução de discursos do senso comum, em que o ponto de vista do aluno apenas reproduz valores sociais padronizados de discursos já-ditos por determinados grupos sociais, ou seja, os alunos apresentam em seu ponto de vista discursos velados (vozes sociais) com traços axiológicos do senso comum, que se constitui da ausência de um posicionamento de autoria consciente e original.

Discorreremos agora sobre a análise que constitui a segunda categoria desta seção, subdividida em 5 tópicos temáticos (a-e) que reverberam a ideologia de grupos sociais distintos, com discursos que fogem ao senso comum, à previsibilidade dos discursos alheios quanto à temática trabalhada nesta pesquisa. O primeiro tópico temático se constitui em confronto com vozes sociais que inferiorizam as vítimas de violência doméstica. As manifestações enunciativas se revelam como discursos de negação para conflitar com vozes do senso comum. Os discursos de negação atestam que “Existem vítimas tidas como indefesas que reagem e sabem se defender”.

Embora os valores axiológicos do senso comum se voltem para a ideia de que “sofre quem é mais fraco, indefeso”, ao analisar dialogicamente os discursos presentes nas produções textuais dos alunos, encontramos minuciosos vestígios de discursos autorais que fogem à previsibilidade do senso comum. Do contrário, seriam apenas discursos que reiteram, reproduzem ideologias enraizadas de discursos axiologicamente constituídos pelo senso comum. As enunciações axiológicas que apontaremos a seguir se valem de pontos de vista constituídos no texto de forma autoral, nas relações dialógicas de recusa, de divergência e de conflitos com os discursos do senso comum, incorporando vozes sociais para assimilar discursivamente o sujeito não como objeto (eco) do “outro” (senso comum), mas aberto à interação da consciência do autor com outras consciências (vozes sociais), soando ao lado do dizer do senso comum. Vejamos os enunciados:

*“Elas (mulheres) são maltratadas e tratadas como um nada e na maioria, não podem denunciar, por conta de ameaças. Mesmo assim, algumas ainda arriscam sua vida tentando denunciar seu companheiro” Texto 1 (5-9)*

*“Vamos lutar por um mundo sem agressão, intimidando esses agressões, e demonstrando as vítimas como denunciar, porque elas não podem permitir que aconteça novamente toda essa agressão” Texto 12 (20-25)*

*“Na maioria das vezes, encontramos maus tratos de homem que batem na suas mulheres, ou até mesmo o contrário, assim, se torna uma família totalmente desestruturada” Texto 25 (13-17);*

Poucas citações dentre os 25 textos produzidos pelos alunos fogem à previsibilidade do senso comum. Mesmo que de forma superficial, nesses enunciados têm-se apresentado conceitos ideológicos que mesclam ora com vozes do senso comum *“Elas (mulheres) são maltratadas e tratadas como um nada e na maioria, não podem denunciar, por conta de ameaças”* (“não podem denunciar” carrega sentidos ideológicos de que a mulher é impotente); ora com discursos que confrontam e refutam essas vozes do senso comum *“Mesmo assim, algumas (mulheres) ainda arriscam sua vida tentando denunciar seu companheiro”, “Vamos lutar”, “porque elas (vítimas) não podem permitir que aconteça novamente toda essa agressão”*. São vozes sociais que se formam ideologicamente num processo de transição de conceitos de mundo (mutação, estado de cidadão em formação). Assim, é perceptível nos enunciados a reprodução de valores axiológicos como historicamente construído no tempo, e a ruptura desses valores com vozes que refutam a ideia de mulher como “sexo frágil”, indefesa.

O segundo tópico temático, “A falta de proteção e deficiência do estado quanto ao problema da violência”, é um discurso que confronta a ideologia apresentada no 5º tópico da primeira modalidade de análise. São mais as evidências de citações explícitas para a proteção do Estado como solução para a violência doméstica do que a falta desta proteção, embora o senso crítico de alguns alunos esteja mais voltado às questões de ordem política, e de forma autoral, do que qualquer outra ideologia do senso comum apresentada neste trabalho. Temos, então, as referências enunciativas de vozes que refutam discursos políticos do senso comum: Texto 1 (19-26); texto 2 (21-22); texto 3 (18-23); texto 9 (6-13, 25-28); texto 10 (20-26); texto 12 (16-20); texto 14 (22-26); texto 16 (17-19), texto 22 (11-13, 16-22); texto 23 (25-28), dentre as quais destacamos:

*“Caso aconteça algum caso, deve-se fazer a denúncia da Lei Maria da Penha uma Lei que foi adotada para proteger as mulheres quando elas forem agredidas pelo seu companheiro ou*

*estejam sendo vítimas de ameaças, **assim poder ver se conseguem fazer alguma coisa para ajudar é combater essa violência***” Texto 1 (19-26)

*“Pessoas (que sofrem) desse tipo (de violência doméstica) **quase sempre** tem fins trágicos, pois muitos acabam fazendo vítimas fatais da sua violência e ignorância”* Texto 2 (21-22)

*“Para ajudar a acabar com isso a sociedade deve fazer manifestações, protestos ir para as ruas gritar e dizer não a violência, **não irá fazer muita diferença** mais de qualquer forma ajuda a amenizar a violência”* texto 3 (18-23)

No primeiro enunciado destacado, o discurso do aluno ecoa vozes do senso comum ao recorrer, num primeiro momento, à proteção do estado como solução para a violência doméstica. Em seguida, outras vozes entrecruzam no discurso quando se refere à proteção do estado, o que traz nessas frases “**assim poder ver se conseguem fazer alguma coisa para ajudar é combater essa violência**” sentidos criticamente de ironia, ainda que de forma inconsciente, refutando vozes que colocam a proteção do estado como suficientes para o problema em questão. Os enunciados “**quase sempre tem fins trágicos**” e “**não irá fazer muita diferença mais de qualquer forma ajuda a amenizar a violência**” estão repletos de sentidos de ironia que refutam outras vozes para a ideia e pontos de vista autoral de que a proteção do estado é, na verdade, ineficiente, que a mobilização popular que reivindica pela proteção do estado torna-se sem efeito.

No terceiro tópico temático, “vozes que refutam ideologias do senso comum em apologia ao machismo, ao patriarcalismo (domínio autoritário sobre a mulher)”, soaram lado a lado com essas vozes sociais marcadas por uma sociedade machista. Deste modo, se revela valores axiológicos que refutam e divergem com a afirmação ideológica a seguir: *A mulher não precisa se submeter à autoridade do homem.*

Esse discurso ideológico se apresenta de forma implícita nos Textos: 15 (linhas 7-12, 18-23); 18 (linhas 17-20) e 19 (linhas 22-24), dos quais destacaremos:

*“Antigamente, era muito pior, porque a mulher não tinha palavra, não tinha vez e era forçada a ficar dentro de casa, trabalhando, cuidando dos filhos, enquanto o marido, bebendo nos bares, ou traindo a esposa chegava em casa descontando sua raiva na mulher e na família”* Texto 15 (7-12)

*“Mas hoje existem leis, tipo, Maria da Penha, que defende mulheres que são agredidas pelos seus parceiros infelizmente algumas sofrem ameaças e têm medo de contar, mas isso pode melhorar e a mulher deixar de ser submissa ao homem” Texto 15 (18-23)*

Os advérbios de tempo *“antigamente”* e *“hoje”* trazem discursos que perpassam as estruturas linguísticas, ao estabelecer nas vozes sociais a interação intrinsecamente de caráter social com estruturas socioideológicas. As relações socioculturais situadas historicamente no interior das relações dialógicas situam implicitamente nesses enunciados para assimilar e refutar vozes sociais do senso comum: *“antigamente”* remete à ideologia de patriarquia, em que *“a mulher não tinha palavra, não tinha vez e era forçada a ficar dentro de casa, trabalhando, cuidando dos filhos”*. Os direitos da mulher *“que não tinha palavra, não tinha vez”* são refutados como ponto de vista original, pois não ecoa/reproduz discursos do senso comum que ideologicamente vê a mulher como *“dona de casa”* e responsável pela educação dos filhos. Temos, portanto, vozes sociais que confrontam o discurso machista.

Ao usar o advérbio *“hoje”*, o enunciado se vale de sentidos axiológicos para afirmar que a mulher não deve continuar sendo tratada como *“antigamente”*, pois a sociedade moderna confere à mulher direitos iguais. Por fim, o ponto de vista autoral revela ainda a não aceitação da submissão da mulher para os aspectos ideológicos do discurso machista *“mas isso pode melhorar e a mulher deixar de ser submissa ao homem”*.

Se o discurso do senso comum evidencia ideologicamente discursos machistas que dão ao homem o *“direito”* de praticar atos de violência com a mulher por ser o *“chefe da casa, sente-se no direito de bater na mulher e nos filhos”* (Texto 6, 8-9), as vozes sociais entrecruzadas em divergência para refutar o discurso machista são de grupos sociais distintos que fogem à previsibilidade do senso comum em negação à ideologia de ser a mulher submissa ao homem por ser o *“sexo frágil”*. Assim, a palavra dialoga com outras palavras e são constituídas a partir de discursos já-ditos para refratá-las, refutá-las.

A ideologia topicalizada em caráter temático na primeira categoria de análise, *“Violência doméstica é uma prática corriqueira na sociedade (naturalização/banalização da violência doméstica)”*, é constituída de *“outros dizeres”* em refutação aos discursos do senso comum. Assim, o ponto de vista que foge ao senso comum tem uma função ativa que o torna autor ao invés de objeto (eco de discursos já-ditos pelo senso comum), num ato refratário de atitude responsiva ativa às vozes de grupos sociais distintos, ou seja, ele (sujeito autor) dialoga com o discurso dessas vozes sociais para concordar ou discordar, confirmar,

confrontar etc. Deste modo, o ponto de vista autoral do aluno “está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso” e o coloca como sujeito ativo numa “compreensão responsiva ativa do que foi ouvido” (BAKHTIN, 1997, p. 290-291).

O ponto de vista que foge à previsibilidade do senso comum está para a afirmativa de que a violência doméstica não deve ser uma prática naturalizada, banalizada, vista como comum na sociedade. Para tanto, essas vozes são identificadas nos enunciados a seguir:

*“Violência doméstica é um dos **piores e maiores problemas** que o Brasil tem”*

*6 (linhas 1-4)*

*“**Infelizmente ainda perdura** a violência doméstica” Texto 9 (2-3)*

*“Atualmente o índice de vítimas de agressões domésticas **vem crescendo muito**”*

*Texto 13 (linhas 2-3)*

*“**Triste realidade** vivida em pleno século XXI” Texto 13 (14-15)*

*“A violência doméstica é uma das **grandes vergonhas** que existem na nossa sociedade” Texto 19 (2-3)*

*“Diante o século que vivemos, **não podemos mais ficar de braços cruzados** assistindo as pessoas sofrerem com esse dano de violência física ou verbal” Texto23 (7-10)*

O discurso do senso comum reverbera vozes que aludem à banalização e conformação da prática de violência na sociedade, valores axiológicos que vimos no primeiro tópico temático da primeira categoria de análise. Neste último tópico temático da segunda categoria de análise, em que os discursos fogem à previsibilidade do senso comum, os enunciados revelam discursos de inconformação, descontentamento, insatisfação para a permanência da prática de violência doméstica na sociedade.

Enquanto os discursos do senso comum acreditam ser a violência doméstica uma prática banalizada, naturalizada ou vista como algo comum, os enunciados que refutam e refratam essas vozes se manifestam como um ponto de vista consciente e original. Deste modo, os termos “*um dos **piores e maiores problemas** que o Brasil tem*”, “*Triste realidade*”,

“*uma das **grandes vergonhas** que existem na nossa sociedade*” confrontam vozes do senso comum e se constituem discursivamente como sujeito consciente, que incorpora as vozes sociais não para reproduzi-las como mero objeto (eco) de discursos de grupos sociais distintos, mas para assimilar suas inter-relações dialógicas de forma autoral (FARACO, 2009).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa, segundo a natureza dos dados, foram submetidos a uma análise de caráter qualitativo que priorizou a ausência de hipóteses para aplicar a um trabalho pressuposto, que nos permite encaminhar para uma investigação empírica dos dados. O trabalho pressuposto não necessita de uma dinâmica forma comprobatória para confirmar ou refutar, mas pretende-se numa hipótese interpretada identificar e examinar, neste trabalho, até que momento o ponto de vista do aluno se constituiu no texto.

Desta forma, verificamos que foram poucas as manifestações enunciativas de vozes sociais constituídas nos discursos dos alunos que fogem ao senso comum. Os pontos de vista dos alunos se reproduzem ideologicamente, em sua maioria, como ecos/reprodução de discursos já-ditos pelo senso comum. Do mesmo modo, apontamos para a identificação de discursos que se formam ideologicamente num processo de ruptura minuciosa dos valores axiológicos, historicamente construídos no tempo pelo senso comum, para pequenos “fósseis” ideológicos (vozes sociais) de alunos enquanto cidadãos em processo de confronto das ideias de conhecimento de mundo e que revelam em fragmentos de seus discursos pontos de vista consciente e autoral, por apresentarem nos discursos já-ditos, vozes que confrontam e refutam ideologias demarcadas pelo senso comum.

Observamos nas 25 produções textuais dos alunos a utilização de argumentos para construir o seu ponto de vista a partir do tema proposto, valores axiologicamente marcados e reproduzidos dialogicamente pelo senso comum. Nossa análise permitiu tornar explícitos os discursos produzidos pelo aluno e pudemos aproximá-los, de forma comparativa, a discursos que são próprios de determinados grupos sociais. Deste modo, diferentes ideologias que se manifestaram nos discursos dos alunos foram de caráter político, religioso e moral; vozes sociais destes grupos distintos que manifestaram nas entrelinhas dos discursos dos alunos como ecos/reprodução dessas ideologias. Assim, permaneceu, em sua maioria, a presença de pontos de vista que repetem discursos do senso comum sem defesa de um ponto de vista próprio, com minuciosas manifestações enunciativas de discursos que se desenvolveram de forma consciente e autoral.

Portanto, ao examinarmos os discursos dos alunos por meio de análises dialógicas, foi possível identificar a presença ínfima de indícios de autoria. Percebemos, para tanto, como os discursos produzidos pelos alunos estão constituídos a partir de pontos de vista demarcados pelo senso comum, o que remete à permanência de vozes sociais que circulam cotidianamente

na sociedade, sendo reflexos de discursos ideológicos de grupos sociais. Assim, os pontos de vista dos alunos não se colocam no discurso de forma consciente e original, mas na forma de ecos de discursos adotados por grupos sociais distintos.

Para tanto, a reprodução do diálogo de um sujeito sempre ocorre, mesmo que de forma inconsciente, a partir dessas “vozes sociais” como uma retomada de discursos que permeiam os espaços sociais ideologicamente constituídos pelo senso comum. Sendo assim, o aluno apresenta, de modo geral, o seu senso crítico e seus conhecimentos de mundo previamente constituídos como um ser social que se posiciona criticamente no texto, para apenas reproduzir essas vozes sociais como ecos de discursos já-ditos pelo senso comum, não construindo o seu ponto de vista de modo autoral, ou seja, perpassando discursos já-ditos para confrontar, refutar manifestações enunciativas demarcadas ideologicamente pelo senso comum.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Avaliação da produção textual no ensino médio. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia [orgs]. **Português no Ensino Médio e Formação do Professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. (Voloschinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BEZERRA, Paulo. **BAKHTIN: CONCEITOS-CHAVE / BETH BRAIT, (org.)**. In: BRAIT, Beth [org.]. 4. Ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

BONINI, Adair. **Metodologias do ensino de produção textual: a perspectiva da enunciação e o papel da psicolinguística**. Revista Perspectiva, Florianópolis, v.20, n.01, p.23-47, jan./jun. 2002.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONÍSIO, Angela Paiva. MACHADO, Anna Rachel. BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. - 4. ed. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin / Carlos Alberto Faraco**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

GARCIA, Ana Luiza Marcondes; RANGEL, Egon de Oliveira. **No limiar da persuasão: o movimento argumentativo na escrita de artigos de opinião por estudantes brasileiros**. Cadernos Cenpec, São Paulo, v.2, n.1, p.99-120, julho 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

POSSENTI, Sirio. **Argumentar**. UNICAMP, s/d (mimeo).

SILVA, Francisco Eduardo Vieira. Análise dialógica dos textos de apresentação de gramáticas escolares do português. **Revista Encontros de Vista**, Recife, 15 (1): 30-46, jan./jun. 2015.

XAVIER, Antônio Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos**. Recife: Editora Rêspel, 2010.

# ANEXOS

1



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	Violência e agressões contra as mulheres
2	A violência doméstica é muito comum na
3	vida de algumas pessoas, sendo que no das
4	mulheres é maior pois elas sofrem agressões de
5	seu companheiro. Elas são maltratadas e tra-
6	tadas como um nada e na maioria, não pedem
7	denúncia, por conta de ameaças. Mesmo assim,
8	algumas ainda arriscam sua vida. Portanto
9	denunciar seu companheiro.
10	A violência doméstica é uma ação prática-
11	da não somente contra mulheres mais tam-
12	bin contra crianças, idosos e pessoas defi-
13	cientes. Vê-se muito isso na televisão, jornais,
14	internet, como pessoas, independente de idade,
15	sendo vítimas de violência, agressões, mau-
16	tratos etc.
17	A solução para acabar com a violência é
18	denunciar, orientar a polícia sobre seu caso
19	para que, com isso já fiquem orientados. Caso
20	acertar algum caso, deve-se fazer a denún-
21	cia na delegacia da Polícia Uma lei que foi
22	elaborada para proteger as mulheres quando
23	elas forem agredidas pelo seu companheiro ou
24	estiverem sendo vítimas de ameaças, assim
25	podem ou se conseguem fazer alguma coisa
26	para ajudar e combater essa violência.
27	
28	
29	
30	

2



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	Não à violência doméstica
2	
3	A violência doméstica é uma situação que ocorre com frequên-
4	cia na sociedade. As vítimas de violência doméstica em sua
5	maioria são as mulheres, mas também acontece crianças, idosos
6	e portadores de deficiência.
7	As causas que levam alguém a violentar outra pessoa
8	são diversas, como por exemplo: embriaguez, machismo ou
9	ignorância mesmo.
10	Os casos que mais são vistos são os de embriaguez e ignorância
11	a, por exemplo: "marido chega, bêbado em casa, a mulher re-
12	clama, ele bate nela, em seu filho". As pessoas que sofrem
13	violência ficam com marcas para o resto da vida, não so-
14	mente físicas mas, também psicológicas.
15	Existe punição para esse ato, mas nem todas as pessoas que
16	vão agredidas têm coragem de denunciar, por medo do seu
17	agressor tentam algo pior contra ela.
18	A maioria das pessoas, é contra a violência em todos
19	os aspectos, pois uma pessoa que agredir outra por motivos
20	fúteis não usa e nem está em sua consciência, além de não
21	ter bom senso. Pessoas desse tipo quase sempre têm fins duplos, pois mu-
22	ltos acabam ficando vítimas fatais da sua violência e ignorância.
23	Por fim o que deveria ser feito é que violência doméstica
24	é evitada, e se há duas soluções para o caso: a primeira
25	é fazer muito diálogo entre a família e a segunda, trata-
26	mentos para agressores e vítimas.
27	
28	
29	
30	

"bom senso"  
"sua consciência"

"diálogo entre a família"  
"tratamento para agressores e"

3



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

Chega de Violência!

1	A violência doméstica, acontece muito com
2	crianças, idosos e mulheres, o nosso país
3	tem um índice muito alto nesses casos.
4	Na maioria dos vezes esses casos de
5	violência acontecem por causa do alcool
6	dos abrigos, as vítimas geralmente tem me-
7	do de dizerem o que estão sofrendo por
8	que sofrem ameaças dos companheiros.
9	Os países que sofrem com isso são tris-
10	tes rotulados "estranhos", as vezes esse tipo
11	de violência acontece por causa da falta
12	de diálogo, a falta de união das famílias,
13	mas hoje já tem a lei que protege esses ca-
14	sos que é a lei maria da Penha, com essa
15	lei diminuiu muito o índice de violência
16	no Brasil e no mundo mas infelismet-
17	te ainda existe.
18	Para ajudar a acabar com isso a socie-
19	dade deve fazer manifestações, protestos
20	ir para as ruas gritar e dizer não a
21	violência, não irá fazer muita diferença
22	mas de qualquer forma ajuda a ame-
23	nizar a violência.
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Causa: álcool, drogas, vítimas não "estranhas"  
 falta de diálogo  
 " de união da família



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	Diga não à violência!
2	Violência doméstica é uma ação que
3	acontece contra crianças, adolescentes, mulheres
4	e idosos, sendo que os agressores são os
5	próprios familiares das vítimas.
6	Um dos grandes problemas que favorecem
7	a violência física, como os espancamentos,
8	abuses sexuais, danos morais, que aconte-
9	cem geralmente em crianças e adolescentes. Os
10	idosos também sofrem agressões, principalmente
11	os que necessitam de cuidados especiais.
12	Outro caso são as mulheres agredidas
13	pelos seus maridos, que chegam em casa
14	alcoberizados e espancam sua esposa, outros
15	casos de vítimas das agressões são os crianças
16	quando geralmente os pais são os maiores
17	agressores. As consequências dessa violência
18	são muitas vezes uma família destruída
19	e sem diálogo, com isso ocorre brigas e discussões.
20	A solução é acabar com essa violência
21	de uma forma adequada como o diálogo,
22	o importante é que se tome conhecimento
23	dessas formas de violência, sejam feitas denúnci-
24	as a fim de ajudar as vítimas, tentar tirá-los
25	desse contexto de tanto sofrimento. Infelizmente
26	a violência doméstica faz parte da experiência
27	de muitas lares.
28	
29	
30	

Causa: Uso do Alcool  
e ideia de pessoas "agredidas"

"Família destruída e  
sem diálogo"

violência física

5



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	Violência no Cotidiano.
2	
3	A violência doméstica, é um dos maiores casos
4	hoje, pode acontecer dentro ou fora de casa, entre ami-
5	gos, parentes e idosos etc. Pode se dar por meio de
6	abuso sexual contra crianças, maus-tratos con-
7	tra idosos e o principal a agressão contra as mu-
8	lheres.
9	A violência tem várias consequências, as pes-
10	soas que sofrem hoje se tornam medrosas, sem
11	depressão. por isso que o índice de pessoas que
12	sofrem se aumentam. Mulheres que sofrem <del>(isso)</del> tem
13	medo de denunciar, idosos que sofrem maus tratos
14	tem medo de planejar crianças que sofrem abuso
15	sexual tem medo, por que tudo isso? por que todos
16	eles que sofrem não virados de morte.
17	A grande razão de todos é o silêncio, se
18	noti não de alguém que sofre maus tratos denun-
19	cia, para um bem a sociedade.
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Causa: silêncio por medo de ameaça  
 Solução: denúncia

6



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

Aluno: Felipe José Mota de Araújo Nº 10

1	Violência doméstica, um dos maiores problemas do nosso país
2	
3	Violência doméstica é um dos piores e maiores problemas que o
4	Brasil tem. Entende-se por violência doméstica o ato de bater, abusar e/ou
5	violentar pessoas no ambiente doméstico.
6	As causas deste tipo de violência são muitas, como: traições, ciúmes,
7	inveja, falta de confiança, brigas de casal, etc. (A <del>mulher</del> ) Boa parte delas
8	é por parte do homem, que, como "chefe" da casa, sente-se no direito de bater
9	na mulher e nos filhos. A mulher, como o "vaso frágil" não tem como se
10	defender.
11	Homens frustrados, mulheres deprimidas e filhos revoltados são algumas
12	das consequências da violência doméstica. Leis como a Maria da Penha foram
13	criadas para amenizar este tipo de violência. Algumas mulheres sentem medo de
14	fazer a denúncia, mas agora até os vizinhos podem fugi-la.
15	Para que a violência real de vez, temos que mudar um pouco o nosso
16	país, criando-se novas leis, e mudando o nosso conceito sobre esta e vários
17	outros tipos de violência.
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

"Chefe de casa" → <sup>então - é no</sup> direito de bater  
 "Vaso frágil" → mulher indígena



7

Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	Violência Doméstica na Sociedade
2	
3	A violência doméstica é o ato de agressão verbal
4	ou fisicamente uma pessoa que muitas ve-
5	zes é inferior ao agressor.
6	O agressor parece procurar uma vítima ma-
7	is frágil que ele, pois não tem coragem de enfrenta-
8	tar alguém mais forte. As causas de muitas agress-
9	sões são: separação, traição, ciúmes, entre tantas
10	outras causas, que muitas vezes acabam em morte.
11	Muitas crianças presenciavam as agressões na
12	família e ficam com medo ou fôlego dos pais,
13	elas preferem ficar isoladas, sem contato com nin-
14	guém e muitas crianças que presenciavam agredem
15	os pais mais tarde.
16	A violência poderia ser evitada se as pessoas
17	passassem para pensar no que estavam prestes a
18	fazer. E não agredirem e/ou xingarem na frente
19	das crianças para que isso não traga futuras con-
20	sequências. Várias vítimas tem medo de denún-
21	ciar o agressor e isso faz com que ele a agrida
22	cada vez mais. As vítimas podem ser tratadas
23	indo ao psicólogo ou a um centro especializado.
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

"Jogo de violência que m e impior"

8



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	O combate à violência doméstica
2	A violência doméstica é praticada dentro
3	de casa entre pessoas como marido
4	e mulher, pai, mãe, irmãs, maus-tratados
5	contra idosos, e violência contra
6	a mulher e contra o homem.
7	A violência doméstica é maior contra
8	a mulher por ser mais frágil do que o
9	homem, e por isso foi criada a lei
10	Maria da Penha que defende a mulher dos
11	maus-tratados que sofrem do homem.
12	Esse tipo de violência tem que acabar
13	porque famílias sofrem com esse tipo
14	de violência sendo física ou verbal. Este
15	problema é causado por brigas e ciúmes,
16	e pode destruir famílias, provocando
17	maus-tratados, separação e até causar traumas
18	em crianças que convivem com
19	esse tipo de problema.
20	A violência doméstica é um problema
21	enfrentado por muitos países no
22	mundo, ela deve ser combatida criando
23	leis mais rigorosas que punam
24	os agressores e, assim, acabando com
25	esse problema.
26	
27	
28	
29	
30	

é maior contra a mulher por ser mais frágil



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	O Sol Não Brilha Para Todos
2	Infelizmente ainda perdura a violência doméstica. Esse tipo de agressões gera desestabilização social, e em casos não muito raros gera uma depressão em quem sofre as agressões.
3	
4	
5	
6	Desde 1789 foram aprovadas as direitas universais e a isonomia (direitos iguais para todos).
7	
8	mesmo assim, após tanto tempo há ainda violência de forma explícita dentro de casa. Muitas vezes os atingidos pela violência não abrigados a ficarem calados, quer seja em sociedade, quer seja por recusa de impunidade ou por falta de órgãos públicos (bancas) competentes.
9	
10	
11	
12	
13	
14	Cas que sofrem agressões, criam em sua mente um tipo de estigma social, ou seja, são tantas agressões que a pessoa se sente inferior aos demais da sociedade, por assistir e sofrerem tanta violência. É notório que isso altera os comportamentos sociais, podendo gerar um comportamento perante a sociedade.
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	Entfim, isso é um mal que está enraizado e precisa ser contido o quanto antes. Fazem-se necessários as políticas públicas que incentivem as vítimas desse tipo de violência a denunciarem. Além disso, é importante um sistema de assistência social, para dar assistência as famílias que passam por essa situação. Se assim as leis serão válidas.
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	Personas? Humanos? Animais?
2	
3	A violência doméstica é a agressão sofrida
4	por pessoas, na sua maioria mulheres, crianças,
5	idosos e tudo isso por indivíduos de um mesmo
6	convívio.
7	São agressores de todas as formas possíveis,
8	tanto verbalmente, como fisicamente, em alguns casos
9	são até mortos. em sua maioria são pessoas
10	de mal índole, pois na verdade seres incapazes
11	de sentir um pouco de amor por si mesmo e pelos
12	outros, pessoas desequilibradas "sem educação".
13	As pessoas que sofrem com esse tipo de violên-
14	cia na sua grande maioria não denunciam o
15	seu agressor por medo ou por pena, por essa
16	pessoa ser preso pois é um parente e com isso
17	a grande maioria das pessoas acabam desistan-
18	do de viver livres, para viver sofrendo se entrega-
19	ram a uma vida de sofrimento.
20	Este tipo de crime deveria ser tratado
21	com mais rigor pois muitos das vezes são
22	denunciados mas a justiça surge que nada
23	acontece, é uma justiça muito lenta e
24	por isso ocorre o número de vítimas se a
25	justiça fosse mais cuidadosa com esses
26	casos muitos mais poderiam ser evitados.
27	
28	
29	
30	



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	Violência doméstica: um problema que gera problemas
2	A violência doméstica é caracterizada por agressões verbais
3	e físicas praticadas nas famílias. Os principais vítimas são
4	as mulheres, os idosos, os deficientes físicos e os homossexuais.
5	Isso se dá pela falta de conhecimento, ou seja, não ter inf.
6	mações de como criar os filhos. É muito comum os agressores sofrer
7	de problemas psicológicos e muitas vezes associados a vícios.
8	E com isso, os problemas pessoais e de trabalho são desentoados
9	nos filhos, pais, avós, etc.
10	Esse problema leva a um ciclo ininterrupto, no qual a
11	pessoa que sofreu agressão dos pais, passa a agredir seu pró-
12	prio filho. Essa situação gera muitas consequências ruins para
13	os vítimas e desestabiliza os lar. Agressão, vingança e revolta
14	são apenas alguns dos problemas que são gerados.
15	No fim, é necessária uma conscientização dos pais e membros
16	familiares, para que não haja mais esses casos de violência. É fun-
17	damental um acompanhamento de um psiquiatra para que ele im-
18	forme e ajude pessoas que já sofreram com isso. É de extrema im-
19	portância denunciar os casos, mesmo quando não se vive a violên-
20	cia, mas a deseja e a detecta de longe.
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Texto 12



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	Violência Doméstica, Sofrimento com Solução
2	A violência doméstica, é um sofrimento
3	vivido por mulheres, crianças adolescentes e
4	idosos. Contendo duas formas de violência,
5	violência física e verbal, tudo isso é ex-
6	tremamente errado. O maior problema é
7	a agressão física, principalmente contra mulheres
8	e crianças, independentemente de cor, raça ou
9	classe social.
10	Em sua grande maioria os agressores são
11	companheiros das vítimas, ou seja, é o pai
12	ou marido, enfim. Ninguém tem o direito de
13	maltratar, de denegrir o seu semelhante, pois
14	isso pode gerar graves consequências físicas
15	e psicológicas.
16	Não podemos aceitar que toda essa violên-
17	cia persista, temos que exigir o cumprimento
18	das leis que punem esses agressores. Essas
19	leis tem que ser mais rígidas, ou, pelo
20	menos, aplicadas as que já existem. Vamos
21	lutar por um mundo sem agressão, inti-
22	midando esses agressores, e denunciando os
23	vítimas como denúncias, porque elas não
24	podem permitir que aconteça novamente
25	Toda uma agressão.
26	
27	
28	
29	
30	

Texto 13



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	Violência em casa
2	Atualmente o índice de vítimas de agres-
3	sões domésticas vem crescendo muito. Na maioria
4	das vezes, as agressões ocorrem com idosos, mu-
5	lheres e crianças.
6	Em relação aos idosos, grande parte das
7	agressões ocorrem pelas pessoas encarregadas
8	de cuidar deles que, por imprudência, acabam a-
9	gridando os idosos. Com mulheres e crianças a
10	maioria das violências ocorrem por conta do ál-
11	cool: pois chegam em casa em pleno estado de
12	embriaguez e acabam agredindo seus fami-
13	liares.
14	Triste realidade vivida em pleno século
15	XXI, esta violência pode causar vários traumas;
16	crianças podem ficar mais agressivas e sentirem
17	que não são amadas; mulheres sofrem de depres-
18	são, e em casos chegam até ao suicídio.
19	Em combate a esta violência temos diver-
20	sas ações para neutralizá-la; a primeira delas
21	é a denúncia anônima; podemos indicar a
22	vítima a um profissional específico, psicólogo
23	por exemplo; campanhas para tentar conscientizar
24	as vítimas e os que presenciaram o crime;
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Texto (14)



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	Violência doméstica: Uma realidade perigosa.
2	A violência doméstica é um problema
3	Global onde a vítima é considerada de
4	modo verbal ou física. Este problema
5	atinge milhares de pessoas entre eles
6	idosos, crianças e mulheres. O agressor
7	sente raiva que não consegue conter
8	lar nem resolver sem recorrer a sua
9	lênia e, com isso, maltrata a vítima
10	ma psicologicamente. Esta tenta resolver
11	os problemas de uma forma pacífica e
12	espera que a violência comete não
13	avance.
14	Generalmente, o agressor acusa a
15	vítima de ser a responsável pela
16	agressão, e ela acaba sofrendo
17	consequências como lembranças
18	delicadas que ultrapassam os limites
19	das sexualis, socialização, comportam
20	e sentimentos que podem permanecer
21	durante muito tempo.
22	A violência doméstica precisa ser
23	assunto privilegiado e a comunicação social
24	precisa fazer a diferença, continuando a
25	dar oportunidades, dando voz a quem,
26	por vezes, não a tem.
27	
28	
29	
30	

Texto 15



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	
2	A violência doméstica é uma agressão que
3	ocorre desde muito tempo na sociedade quando
4	o agressor agredir idosa, crianças, deficientes e sua
5	esposa na própria família. Isso é comum, por que
6	ocorre frequentemente em algumas famílias.
7	Antigamente, era muito pior, porque a mulher
8	não tinha palavra, não tinha voz e era forçada
9	a ficar dentro de casa, trabalhando, cuidando dos filhos,
10	quanto e mandado bilando no bar, ou traindo a
11	esposa, chegava em casa descontentando sua vida na
12	mulher e na família. É uma coisa muito cruel
13	de fazer, por que a criança que presencia essas cenas
14	irá se tornar uma pessoa agressiva mais à frente
15	quando o pai agredir sua mãe. O mesmo acontece
16	com pessoas que não tem como se defender.
17	
18	Nas hoje existe leis, tipo, Maria da Penha,
19	que protege mulheres que são agredidas pelos
20	seus parceiros, infelizmente algumas mulheres ainda
21	cas e tem medo de contar, mas isso pode
22	inulorar e a mulher deixar de ser submissa
23	no homem.
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

(16)



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	Violência contra as Mulheres.
2	A violência doméstica é um ato que ocorre nas fa-
3	mílias, agressões cometidas com crianças, adolescen-
4	tes e idosos. Por pessoas que abusam e agredem
5	eles.
6	Na maioria da vezes, esse ato ocorre com as mulheres,
7	donas de casa, que são agredidas pelos seu compa-
8	nheros. As mulheres são maltratadas muitas vezes
9	por que seus companheiros chegam drogados ou
10	alcoolizados em casa e as agredem.
11	As consequências dessa violência são, muitas
12	vezes, uma família desestruturada, na qual ocorrem
13	brigas, discussões, os filhos contra os pais.
14	A solução para <del>estes</del> problemas é acabar com
15	essa violência. Quando as mulheres foram agredidas,
16	que sejam dadas denúncias para acabar com essa
17	violência, para acabar com esse sofrimento. As
18	mulheres tem medo de denunciar seus companhei-
19	ros por que sofrem ameaças.
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

17



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	Menos conflitos e mais convulsa
2	A violência doméstica é um crime que ocorre q
3	realmente por causa de pequenos conflitos familiares.
4	Essas violências vêm da relação dos filhos, pai e mãe
5	entre si, que partem principalmente de discussões con-
6	tínuas.
7	Além de problemas na escola ou trabalho, os proble
8	mas com bebidas e ou drogas, fazem com que as fami-
9	lias vivam um estado de transtorno familiares.
10	Os conflitos e discussões em família acabam aca-
11	retando uma coisa muito grande que a família
12	se desestrutura. As violências mais frequentes são
13	por bebados que agredem seus filhos e esposa, filhos
14	batem nos pais, familiares que espancam pessoas dep-
15	cientes, há muitas formas de agressões além dessas.
16	Por fim se não houver ajuda convulsa entre
17	familiares, se não tiver uma ajuda para diminuir a
18	os conflitos, a violência doméstica vai se extender cada
19	vez mais e pode até virar uma coisa pior, como, por
20	exemplo morte, agressões graves, e até acabar com
21	toda a família.
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

18



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	Coarctada em casa
2	A violência doméstica não é nada mais que a
3	agressão sofrida e praticada dentro de casa
4	Elas normalmente é gerada através de desentendi-
5	mentos familiares: O agressor geralmente se encontra alti-
6	rado, sob efeito do álcool, ou de drogas, ou afi, às vezes,
7	por pura maldade mesmo. A violência doméstica geral-
8	mente é praticada contra mulheres e criança, que
9	na maioria das vezes sofrem sozinhos, pois são man-
10	tidas sob ameaças. E, enquanto isso, os agressores, não
11	sendo motivo para pararem, a situação acaba se agrava-
12	ndo e os agressores acabam sendo cada vez mais fre-
13	quentes.
14	Contudo, nos dias atuais, existem leis que punem
15	esses agressores como a lei Maria da Penha, que protege
16	a mulher contra a violência. A solução é denunciar,
17	abrir a boca, falar a verdade. Essas pessoas precisam
18	ter coragem, denunciando indo até a delegacia mais
19	próxima, a contendo para alguém que possa ajudar,
20	para enfim se libertarem destes monstros.
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	Diga não à violência doméstica
2	A violência doméstica é uma das grandes pro-
3	blemas que existem na nossa sociedade. Ela vem
4	desde meus tempos e idades até diversas re-
5	ações contra crianças.
6	Tem gente que ainda pensa que tudo se re-
7	solve na base de meus braços, tanta físicos como
8	psicológicos. Cada vez mais vemos casos de assas-
9	sinos, mulheres, idosos muito violentados por fami-
10	liares e pessoas próximas no seu ambiente familiar.
11	Consequentemente, isso pode gerar traumas que,
12	na maioria dos casos, ficam registrados pela mar-
13	ca da vida. As vítimas, por temerem o agravo, re-
14	velam não se manifestando com os órgãos especí-
15	alistas no assunto e se calam.
16	Mas, como todo problema tem uma solução, com
17	a violência doméstica não seria diferente. Temos
18	que nos mobilizar e tomar atitudes contra inte-
19	stâncias de meios que estão ao nosso alcance.
20	Como, por exemplo, denúncias anônimas, contri-
21	buições de psicólogos nos escolas, palestras de
22	conscientização e, acima de tudo, nunca se o-
23	primir e nem baixar a cabeça, fingindo que não
24	está acontecendo nada.
25	
26	
27	
28	
29	
30	

20



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

A violência Dentro de casa.

1	
2	A violência doméstica é um grande problema
3	nas famílias, pessoas que não se respeitam dentro de casa,
4	e isso acaba criando um grande conflito: o marido batendo em sua mulher; as crianças ao verem isto não querem
5	fazer com os coleguinhas, achando que é normal. Os pais
6	devem se respeitar para serem respeitados. As causas da
7	violência são absurdas, e isso acaba acontecendo porque as
8	pessoas não tem um diálogo, acha que tudo está certo do
9	jeito que ela faz.
10	A violência doméstica acaba gerando mais violência.
11	Geralmente, a mulher que aponta de seu marido fica
12	toda roxa, com a pele marcada e, principalmente,
13	com dores. Isso ocorre também com os idosos, que de-
14	pendem de seus familiares. Mas, ao invés de ajudar,
15	eles acabam maltratando mais ainda os idosos pelo
16	fato deles terem se tornado um peso para quem cuida
17	deles.
18	As pessoas que sofrem com a violência doméstica
19	não podem se calar, precisam denunciar para
20	que não aconteça o mesmo novamente. E se viram
21	alguém sendo maltratado ou sofrendo algum
22	tipo de violência doméstica, não pense duas
23	vezes, avisem a polícia para que sejam tomadas
24	as providências e que isso não se repita novai-
25	mente.
26	
27	
28	
29	
30	

21



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	Violência na família
2	A violência doméstica é um ato que ocorre
3	nas famílias, uma agressão cometida a uma
4	criança, um idoso, um adolescente, um adulto
5	e, principalmente, às mulheres, que são maltra-
6	tadas pelos esposos, os quais muitas vezes
7	se encontram embriagados.
8	Essas atitudes agressivas acontecem por em-
9	briguez, um filho que seja usuário de droga,
10	uma mãe que não seja presente, irmãos que
11	brigam demais, uma irmã deficiente etc.
12	Essas são algumas causas da violência domés-
13	tica, e, com isso, vêm as consequências:
14	uma família destruída, filhos contra os
15	pais, irmãos contra irmãos etc.
16	É a solução para esse problema é, primeiro
17	punir o autor da agressão, lhe denunciand-
18	o para as autoridades locais e depois, as
19	famílias devem procurar apoio de qual-
20	quer forma, um psicólogo ou uma igreja,
21	para que tudo se resolva e que a famí-
22	lia possa viver feliz.
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	O medo das vítimas, sobre a violência doméstica
2	A violência doméstica é cometida no âmbito familiar,
3	na sua maioria por homens contra mulheres, crianças e ado-
4	scos. Existem dois tipos de violência, a física e a mental. A
5	violência física, é quando há agressão física, como abuso sexual.
6	A violência mental é quando o agressor zinga a vítima,
7	mesmas vezes sendo pior que a agressão física.
8	As agressões acontecem em sua maioria por motivos de
9	ciúmes por parte do agressor, que muitas vezes não tem funda-
10	mento. As vítimas se sentem esmagadas, com medo de represá-
11	lias. Quando acontecem as denúncias, as vítimas ficam
12	sem apoio, por parte da justiça, que não cuida pela vida
13	das vítimas. Já é difícil para as vítimas denunciarem, por
14	os agressores fazem parte de sua família e ainda ficam
15	com medo de como serão vistas pela sociedade.
16	A justiça brasileira em nenhum momento preza pela
17	vida das vítimas, pois os leis são muito frágeis, algumas
18	até denunciam, mas depois retiram a queixa. Essas pessoas
19	precisam de apoio, tanto para superar a agressão, que
20	causa traumas, quanto para zelar pela sua própria vida,
21	já que depois de denunciar muitas delas são mortas pelos
22	agressores.
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

23



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	"A Violência Doméstica NO Século XXI"
2	A Violência doméstica é (causada) praticadas por
3	indivíduos que convivem no mesmo ambiente das
4	vítimas. Infelizmente <del>em</del> algumas famílias <del>permanece</del>
5	sentido amigáveis até mesmo dentro da sua própria
6	casa.
7	Diante do século que vivenciamos, não podemos
8	mais ficar de braços cruzados, assistindo as per-
9	soas sofrerem com um dano de violência física
10	ou verbal. Em algumas famílias o homem e
11	a mulher trabalham no mesmo tempo fora
12	de casa, tendo pouco tempo para se rela-
13	cionar com a família, resultando em apar-
14	tamentos e brigas, e posteriormente causan-
15	do uma grande consequência, a violência doméstica.
16	Os principais alvos de ataques são idosos e
17	crianças, até mesmo por não terem como se
18	defender contra esses males. Na maioria das
19	vezes os casos são praticados por babás e
20	os que se dizem serem cuidadores.
21	Enfim, a violência doméstica deve acabar,
22	mas enquanto isso não acontece, podemos ajudar
23	a combati-la denunciando, e favorecendo um relacio-
24	namento melhor com sua família, para que não se
25	aconteça consigo mesmo. As autoridades de nossa
26	nção devem implantar mais leis que se-
27	jam rígidas, assim assegurando as pessoas
28	viver em um país mais protegido.
29	
30	

24



Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	Violência em Casa
2	
3	A violência doméstica ocorre quando mem-
4	bras da família agredem outros, como crian-
5	ças, idosos, deficientes e, principalmente, mu-
6	lheres.
7	Muitas das causas são a embriaguez, pois
8	os homens bebem e ficam transformados,
9	dai, agredem mulheres, filhos, pais e até vi-
10	sitas; Outra causa são as drogas e muitas
11	outras. As mulheres, filhos, idosos, agred-
12	idos tem muitas consequências como, desta-
13	ta de suicídio, ficar com vontade de bater
14	nos outros etc. E assim se cria uma cade-
15	ia: Marido bate em mulher, mulher nos filhos,
16	filhos nos animais indesejados.
17	A melhor solução é que os pais da
18	família, que juram algum tipo de droga,
19	liquem, adaptadas quando usarem o pró-
20	prio. As famílias devem evitar o álcool
21	e assim, ele verá que está perdendo
22	a família e pensará melhor quando for u-
23	sar as drogas e agir com violência.
24	Fazendo isso será uma família unida
25	e não terá mais agressões.
26	
27	
28	
29	
30	



25

Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

1	Diga não à violência
2	A violência doméstica é cometida por
3	perrocas de má fé, que maltratam princi-
4	palmente crianças e idosos e da própria
5	família que não têm como se defender.
6	A violência, quando ocorre dentro da
7	sua própria casa, provavelmente também
8	vai ser glorada fora de casa. Na maioria
9	dos vezes, crianças e idosos ficam com
10	trauma, isso prejudica muito, não só
11	no aprendizado da criança, mas também
12	no aspecto psicológico da criança.
13	Na maioria das vezes, encontramos mais
14	tratos de homem que batem na suas
15	mulheres, ou até mesmo o contrário, assim,
16	se tornando uma família totalmente
17	destruturada.
18	Não devemos ver alguém maltratando
19	um idoso ou uma criança e não tomar
20	nenhuma atitude. Violência só gera vio-
21	lência, então o mais recomendado é
22	denunciar esses tipos de maltratores, que
23	devem ser evitados.
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	